



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Sónia Cristina Martins Pinheiro

Mestrado em Educação Pré Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino
Básico

31 de Outubro de 2011



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Sónia Cristina Martins Pinheiro

Mestrado em Educação Pré Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino
Básico

Orientador: Professor Doutor Fernando Carmino Marques

31 de Outubro de 2011

RESUMO

O Relatório Final de Estágio que aqui se apresenta foi realizado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrada na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda.

O objectivo deste trabalho é portanto descrever todo o processo decorrido ao longo do estágio.

A fim de melhor se entender o nosso propósito, no 1º capítulo faremos uma caracterização do local onde decorreu o estágio e dos alunos com os quais realizámos a nossa prática; no 2º capítulo descrevemos e fazemos uma auto avaliação da forma como exercemos essa prática; no 3º capítulo descrevemos e analisamos o tema por nós escolhido: “Sobre o valor pedagógico dos Trabalhos de casa: um estudo em turmas do 3º e 4º ano na Escola Básica do 1º Ciclo de Trancoso”, e as conclusões que tirámos desse estudo, após análise dos diversos resultados que obtivemos, partindo das questões que nos propusemos responder. Estudo que realizámos com o intuito de percebermos qual o valor pedagógico dos trabalhos de casa, assim como compreendermos as reações da comunidade educativa, professores, pais e alunos, sobre essa temática.

Estudo cujos resultados nos demonstram que para os professores, na maior parte do tempo, os trabalhos são utilizados e vistos como uma prática rotineira de repetições do que fazem diariamente nas aulas. Para os pais e alunos (na sua maioria), estes trabalhos são aceites como uma forma de treino, tendo como finalidade a memorização efetiva dos conteúdos. No entanto os resultados mostram também um descontentamento, por parte dos pais e alunos, em relação ao tipo e quantidade de trabalhos que é pedida habitualmente.

Palavras chave: Descrição da Prática de Estágio; Valor Pedagógico dos Trabalhos de Casa;

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| ÍNDICE DE FIGURAS | 7 |
| ÍNDICE DE TABELAS | 7 |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | 8 |
| INTRODUÇÃO | 10 |
| <u>1º CAPÍTULO</u> | |
| I. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL | |
| 1.1- Caracterização do Concelho de Trancoso | |
| 1.1.1- Localização/ clima | 11 |
| 1.1.2- População | 11 |
| 1.1.3- Actividade económica | 12 |
| 1.1.4- Saúde | 12 |
| 1.1.5- Educação | 12 |
| 1.2- Caracterização da Cidade de Trancoso | |
| 1.2.1- História | 14 |
| 1.2.2- Património cultural | 14 |
| 1.2.3- Actividades da população | 15 |
| 1.2.4- Ensino | 15 |
| 1.3- Caracterização do Agrupamento de Escolas de Trancoso; | |
| 1.3.1- Organização do Agrupamento | 16 |
| 1.3.2- Administração e gestão | 17 |
| 1.4- Caracterização da Escola Básica Trancoso | |
| 1.4.1- Localização e espaço | 19 |
| 1.4.2- Organização do ano lectivo 2010/2011 | 20 |
| 1.4.3- Alunos | 21 |
| 1.4.4- Horário e regime de funcionamento | 22 |
| 1.4.5- Recursos humanos | 23 |
| 1.5- Caracterização da sala de aula | |
| 1.5.1- Planta da sala de aula da turma do 4ºB | 24 |
| 1.5.2- Espaço | 24 |
| 1.5.3- Mobiliário e material pedagógico da sala | 25 |

II- CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS DA TURMA B DO 4º ANO

2.1- Caracterização global da turma

| | |
|------------------------------------|----|
| 2.1.1- Sexo dos alunos ----- | 26 |
| 2.1.2- Idade dos alunos ----- | 26 |
| 2.1.3- Residência dos alunos ----- | 27 |

2.2- Caracterização familiar dos alunos

| | |
|---|----|
| 2.2.1- Número de irmãos dos alunos ----- | 28 |
| 2.2.2- Caracterização cultural dos pais ----- | 28 |

2.3- Caracterização psicopedagógica dos alunos da turma do 4ºB -----30

2º CAPÍTULO

| | |
|---|-----------|
| I. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA ----- | 31 |
|---|-----------|

3º CAPÍTULO

I

**TEMA: “SOBRE O VALOR PEDAGÓGICO DOS TRABALHOS DE CASA:
UM ESTUDO EM TURMAS DO 3º E 4º ANO NA ESCOLA DO 1º CICLO DO
ENSINO BÁSICO DE TRANCOSO”.**

| | |
|---|-----------|
| 1.1- Escolha do tema ----- | 37 |
| 1.2- Metodologia seguida ----- | 38 |
| 1.3- Local do estudo ----- | 38 |
| 1.4- Sujeitos do estudo ----- | 39 |
| 1.4.1- Caracterização dos alunos da turma do 3º ano ----- | 39 |
| 1.4.2- Caracterização dos alunos da turma do 4º ano ----- | 39 |
| 1.5- Apresentação e análise dos dados recolhidos ----- | 40 |
| 1ª Parte | |
| Respostas do questionário da professora do 3º ano ----- | 41 |
| Dados da turma do 3º ano ----- | 45 |
| 2ª Parte | |
| Respostas do questionário da professora do 3º ano ----- | 51 |
| Dados da turma do 4º ano ----- | 54 |

1.6- Comentário final aos resultados obtidos na pesquisa -----60

**II- PROPOSTA DE UMA PRÁTICA DOCENTE RELACIONADA COM O
TEMA ESCOLHIDO -----63**

CONCLUSÃO -----65

BIBLIOGRAFIA -----67

APÊNDICE

Nº 1 – Autorização da responsável pelo estabelecimento de ensino, Escola Básica 1 de Trancoso, para a realização da pesquisa -----71

Nº 2 – Questionário aplicado aos professores -----72

Nº 3 – Questionário aplicado aos alunos -----74

Nº 4 – Questionário aplicado aos pais dos alunos -----76

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura nº 1- Brasão da cidade de Trancoso----- | 11 |
| Figura nº2- Portas D'EL Rei – Trancoso ----- | 14 |
| Figura nº 3 e 4 - Escola Básica I de Trancoso----- | 19 |
| Figura nº5 e 6- Planta da Escola Básica 1 de Trancoso----- | 19 |
| Figura nº 7- Planta da sala de aulas da turma do 4º B----- | 24 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela nº 1- Calendário lectivo 2010/2011----- | 21 |
| Tabela nº2- Número de alunos da Escola Básica 1 de Trancoso----- | 21 |
| Tabela nº3- Distribuição dos alunos por ano/ turma ----- | 22 |
| Tabela nº 4- Sexo dos alunos----- | 26 |
| Tabela nº5- Idade dos alunos----- | 26 |
| Tabela nº6- Residência dos alunos----- | 27 |
| Tabela nº7- Número de irmãos----- | 28 |
| Tabela nº8- Caracterização sócio económica das famílias----- | 28 |
| Tabela nº9- resposta dos pais dos alunos do 4º ano à questão” Na sua opinião, qual é finalidade dos trabalhos de casa?”----- | 55 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico nº1- Sexo dos alunos da turma do 4ºB----- | 26 |
| Gráfico nº2- Habilitações académicas dos pais----- | 29 |
| Gráfico nº 3- Beneficiários dos sistema de apoio Sócio- económico----- | 29 |
| Gráfico nº 4 - Opinião dos alunos da turma do 3º ano sobre a finalidade dos trabalhos de casa.----- | 45 |
| Gráfico nº 5- Opinião dos pais dos 18 alunos da turma do 3º ano sobre a finalidade do trabalhos de casa----- | 46 |
| Gráfico nº 6- Opinião dos alunos quanto ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa.----- | 47 |
| Gráfico nº 7- Respostas do pais dos alunos da turma do 3º ano relativamente ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa dos seus filhos.----- | 48 |
| Gráfico nº 8- Dificuldade dos pais dos alunos da turma do 3º ano em ajudar os filhos na realização dos trabalhos de casa.----- | 49 |
| Gráfico nº9 - Contato que os pais mantêm com a escola ou professora do seu filho.--- | 49 |
| Gráfico nº10 - Opinião dos alunos da turma do 4º ano sobre a finalidade dos trabalhos de casa.----- | 54 |
| Gráfico nº11 - Alunos da turma do 4º ano que fazem os trabalhos de casa ----- | 56 |

Gráfico nº12 - Opinião dos alunos quanto ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa.-----57

Gráfico nº 13- Respostas do pais dos alunos da turma do 3º ano relativamente ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa dos seus filhos-----57

Gráfico nº14 - Contacto que pais dos alunos do 4º ano mantêm com a escola ou professora do seu filho.-----59

INTRODUÇÃO

No relatório final que agora se apresenta, descrevemos de forma pormenorizada a prática de estágio por nós efectuada na Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico de Trancoso. Descrição organizada em 3 partes.

No 1º capítulo refere-se o enquadramento Institucional, a caracterização da cidade de Trancoso, da escola do 1º ciclo dessa mesma cidade e dos alunos da turma do 4º ano com os quais realizámos a nossa prática de estágio.

No 2º capítulo descrevemos a nossa prática, efectuada durante o estágio, com o objectivo de reflectir sobre as experiências, intencionalidade e opções educativas tidas em conta ao longo do estágio.

No último capítulo, após a reflexão da prática de estágio, interrogamo-nos sobre as mudanças que consideramos necessárias nos contextos educativos. Daí termos escolhido um tema: “Sobre o valor pedagógico dos Trabalhos de casa: um estudo em turmas do 3º e 4º ano na Escola Básica do 1º Ciclo de Trancoso”, que apresentamos no dito capítulo. Sucessivamente apresentamos os motivos que nos despertaram o interesse para aprofundar questões relacionadas com uma avaliação da finalidade dos trabalhos de casa, e verificamos ao mesmo tempo a metodologia utilizada durante o estudo; a descrição do local, os sujeitos do estudo, e por fim a apresentação, análise e interpretação do material recolhido. Em conclusão refletimos sobre todo o processo descrito até ao momento.

1º CAPÍTULO

I- ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL;



Fig.1- Brasão da Cidade

de Trancoso

1.1. Caracterização do Concelho de Trancoso ¹

1.1.1- Localização/ clima:

O Concelho de Trancoso localiza-se na região centro do país, no distrito da Guarda. Tem uma área de 364,54 km² e é constituído por 29 freguesias, e 73 aglomerados populacionais.

O Concelho de Trancoso tem uma altitude média de 750m.

Este concelho abrange as cabeceiras de duas bacias hidrográficas, respectivamente a do rio Douro a Norte, e a do rio Mondego a sul.

O clima é característico de uma zona continental de altitude, tendo por isso Invernos muito frios e prolongados e Verões quentes e relativamente curtos.

1.1.2- População:

Pela dificuldade em obtermos dados relativos ao presente ano, a caracterização que apresentamos baseia-se no Diagnóstico Social do Município de Trancoso, elaborado em Junho de 2006; Carta Educativa de Trancoso de 2007 elabora de acordo com o levantamento de dados do INE (Instituto Nacional de Estatística) nos Censos 2001.

O concelho de Trancoso tem cerca de 9950 habitantes (censo de 2011), dos quais 47.54% são do sexo masculino e 52.46% do sexo feminino. É de salientar uma diminuição de população de cerca de 1500 habitantes relativamente aos dados dos censos 2001, em que a população residente no concelho era de 10889 habitantes.

Os dados dos censos 2001, demonstraram um notório envelhecimento da população residente, com um aumento de 15,6% dos indivíduos com mais de 65 anos (relativamente ao estudo anterior em 1991), e é também verificada a diminuição de crianças de idades entre os 0 e os 14 anos de idade

¹ Indicações baseadas na informação disponibilizada no sítio internet da câmara Municipal de Trancoso, a Carta Educativa de Trancoso, de Junho de 2007 e o Diagnóstico Social do Município de Trancoso de Junho de 2006

1.1.3- Actividade económica:

A população rural vive essencialmente de uma agricultura artesanal, sendo de salientar uma importante produção de castanha e alguma produção artesanal de queijo da Serra.

Grande parte dos habitantes que se encontram sobretudo em Trancoso trabalha essencialmente no comércio. O comércio é ainda animado pelos mercados semanais (sexta-feira) e pelas feiras anuais de Santa Luzia (13 de Dezembro) e de S. Bartolomeu (durante 10 dias no mês de Agosto).

Verificamos assim que relativamente às actividades da população do concelho, 70% pertencem ao sector terciário, 24,8% ao sector secundário e 5,2% ao sector primário.

Para além do comércio, os grandes empregadores do concelho são: a Câmara Municipal de Trancoso e a Santa casa da Misericórdia de Trancoso.

Entre os anos 1991 e 2001 é de destacar o aumento da percentagem de taxa de actividade relativamente às mulheres, o que não se verifica nos homens o que explica o aumento de desemprego do sexo masculino, sendo que a taxa de actividade em 2001 dos homens era de 54,8%, e das mulheres 42%.

A população activa no ano 2001 era de 4002 habitantes, da qual 213 eram desempregados o que corresponde a uma taxa de desemprego de 5,3%, é de salientar uma situação geral de grande incerteza relativamente ao emprego, o que traz condicionantes para que a população não encontre condições para se estabelecer, migrando ou emigrando para outras regiões onde lhes oferecem melhores condições.

1.1.4- Saúde

O concelho conta com um centro de Saúde na sede do concelho e mais 5 extensões nas freguesias, não obrigando assim os habitantes dessas freguesias a deslocarem-se a Trancoso.

1.1.5- Educação

No que diz respeito à educação (censos 2001), da população residente no concelho de Trancoso, 2052 indivíduos são estudantes desde o ensino do pré escolar até

ao ensino superior, e a taxa de analfabetismo é de 17,9% da população total do concelho num total de 2166 indivíduos (é de referir um decréscimo entre 1991 e 2001 de 4%).

Quanto ao grau de escolaridade da população do concelho de Trancoso é de referir que o nível de escolaridade detentor de maior número de percentagem de indivíduos é o 1º ciclo com 46% da população total, e com formação superior o concelho conta com 670 indivíduos, sendo 420 do sexo feminino e 250 do sexo masculino.

Quanto aos estabelecimentos de ensino público pertencentes ao Agrupamento de Escolas Vertical de Trancoso com sede na Escola Secundária em Trancoso, o concelho contou no ano lectivo 2010/2011², com 12 jardins de Infância, 6 escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, 2 Escolas do 2º e 3º Ciclos, uma Escola Secundária; este agrupamento de escolas abrange a zona escolar das 29 freguesias pertencentes a Trancoso e tem um total de 1278 Alunos o que corresponde a 12,8% da população total do concelho.

Existe também no concelho uma Escola Profissional público/privada, instituições privadas como é o caso do Jardim de Infância da Santa Casa da Misericórdia que tem 4 salas de Creche (dos 0 aos 3 anos) e 3 salas de Jardim de Infância (dos 3 aos 6 anos), e ainda uma creche do Centro Social e Paroquial de Vila Franca das Naves

² Informação obtido no Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Trancoso do ano lectivo 2010/2011

1.2- Caracterização da Cidade de Trancoso³;



Figura 2- Portas D'EL Rei (Fonte própria)

1.2.1- História

Trancoso foi uma das mais importantes vilas medievais (agora cidade) portuguesas, já que, devido à sua posição estratégica, constitui um dos pontos mais avançados da reconquista cristã para sul.

Em 1160, D. Afonso Henriques conquista o castelo de Trancoso aos Mouros, e dá-lhe foral e concedeu-lhe alguns privilégios.

A escolha de Trancoso para o lugar do casamento de D. Dinis com D. Isabel de Aragão, confirma a importância assumida por esta terra.

Trancoso seria um pequeno povoado e não devia ultrapassar o espaço intra-muros e que se circunscreveria certamente no ocupado hoje pelo castelo e pouco mais. Mais tarde D. Dinis verificando que a população se expandia extra-muros, decide a ampliar as muralhas do castelo.

Assim, como atrás referimos, devido à acção de Dinis, a vila, que possuiria dimensões muito restritas começa a ser ampliada.

1.2.2- Património cultural:

Na actualidade a Cidade Medieval de Trancoso apresenta uma riqueza de tradições e monumental extraordinária, onde se podem destacar alguns exemplos: Castelo, Muralhas, Igreja de Santa Maria de Guimarães, Igreja de S. Pedro, Igreja da

³ Cf. Nota de referência nº1.

Misericórdia, Igreja da Sra. da Fresta, Casa do Gato Preto, Casa dos Arcos, Pelourinho, Fonte Nova, Convento dos Frades Franciscanos, Capela do Sr. da Calçada, Capela de S. Bartolomeu, Capela de Santa Eufémia, Palácio Ducal, Quartel-general Beresford.

No que concerne à actividade cultural, Trancoso tem cinema, biblioteca, teatro, museu, um pavilhão multiusos onde decorrem vários tipos de iniciativas.

Sendo a Cultura e o Desporto dois importantes aspectos para a qualidade de vida das populações, também em Trancoso, estes são uma realidade; para tal contribui a Associação Cultural e Recreativa de Trancoso, principal associação do Concelho que envolve nas suas actividades, mais de 200 pessoas, na sua grande maioria jovens, distribuídas pelas seguintes actividades: Rancho Folclórico; Pedrinhas da Calçada (Grupo de cantares); Grupo Coral; Escola de Música; Basquetebol (campeonato regional); Futebol de 5; Natação (ensino); Todo-o-Terreno "Quebra Molas".

1.2.3- Actividade da população

Entre a população de Trancoso verificamos uma elevada taxa de envelhecimento, agravada pela baixa taxa de natalidade e falta de oportunidades para os jovens que não conseguem fixar-se na cidade. A população activa residente em Trancoso trabalha essencialmente no sector terciário, na Câmara Municipal de Trancoso e a Santa casa da Misericórdia que são os principais empregadores, mas também muitos dos habitantes vivem essencialmente do comércio, e ainda da indústria, com várias empresas instaladas no Concelho, nomeadamente: transformação de carnes, lacticínios, panificação, mobiliário, mármore e granitos, artefactos de cimento, madeiras, construção civil, Inspeção de automóveis, obras públicas, etc.

1.2.4- Ensino

Na cidade de Trancoso, no que diz respeito ao ensino no ano lectivo 2010/2011 existe 1 Jardim de Infância da rede pública com 4 salas, uma escola do 1º ciclo com 10 salas, uma escola do 2º ciclo, a Escola Secundária com 3º ciclo, podemos contar também com a Escola Profissional, e com o Jardim de Infância com creche da Santa Casa da Misericórdia.

1.3- Caracterização do Agrupamento de Escolas de Trancoso;

1.3.1- Organização do Agrupamento:

“O Agrupamento de Escolas de Trancoso foi criado por Despacho do Secretário de Estado da Educação, de 20 de Maio de 2010, referido pelo ofício da Directora Regional do Centro pelo ofício n.º S/15773/2010, de 24 de Maio, com sede na Escola Secundária com 3º Ciclo, Gonçalo Anes Bandarra de Trancoso resultante da fusão do Agrupamento de Escolas de Vila Franca das Naves, Agrupamento de Escolas de Trancoso e Escola Secundária com 3º Ciclo Gonçalo Anes Bandarra de Trancoso”⁴.

O Agrupamento de Escolas de Trancoso é constituído por estabelecimentos de educação pré-escolar e vários níveis de ciclos de ensino. Abrange a zona escolar das vinte e nove freguesias do concelho, partilhando os mesmos instrumentos reguladores: projecto educativo, regulamento interno e planos anual e plurianual de actividades.

A constituição de agrupamentos de escolas permite uma melhor articulação curricular entre níveis e ciclos educativos.

Este agrupamento, no ano lectivo 2010/2011, é constituído por: 12 Jardins de Infância, 6 Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, 2 Escolas do 2º e 3º Ciclos, uma Escola Secundária. Nas escolas do 2º, 3º ciclos e secundário existem ofertas educativas, de acordo com as necessidades da população escolar, nomeadamente cursos de educação, formação e cursos profissionais.

Neste agrupamento contam-se com 187 crianças a frequentar o ensino Pré escolar, 325 alunos no 1º ciclo, 192 alunos no 2º ciclo, 250 alunos no 3º ciclo, e podemos ainda contar com 28 alunos no PIEF(Programa Integrado de Educação e Formação), e 19 alunos do CEF(Cursos de Educação e Formação). Na escola secundária que é a sede do Agrupamento, 218 alunos frequentam o ensino regular e 59 alunos o ensino profissional, o que perfaz um total de 1278 alunos neste Agrupamento.

De acordo com as finalidades descritas no projecto educativo em vigor, o agrupamento ainda propõe outras ofertas educativas, nomeadamente: actividades de enriquecimento curricular; actividades de apoio pedagógico; actividades de ocupação de tempos livres; actividades de apoio à família nos Jardins-de-infância.

“Os estabelecimentos de ensino do agrupamento funcionam em regime normal, em função da especificidade de cada um dos subsectores. As escolas com 2º, 3º ciclos e

⁴ Cf. Nota de referência nº 2

secundário funcionam em regime diurno com horário normal, preferencialmente entre as 8:30 e 17:30 horas, As escolas do 1.º ciclo funcionam em regime normal das 09:00 às 17.30 horas e sempre de acordo com as orientações emanadas do Ministério da Educação, nos jardins de infância os horários são elaborados de acordo com as orientações emanadas do Ministério da Educação e as necessidades das família”⁵.

1.3.2- Administração e gestão:

Segundo o Artigo 12º do regulamento interno deste agrupamento, compete ao agrupamento (entre outros):

- a) Definir critérios e regras de utilização dos espaços e instalações escolares;*
- b) Planificar a utilização semanal dos espaços, tendo em conta as actividades curriculares, as de compensação educativa, de complemento curricular, e de ocupação dos tempos livres, bem como o trabalho de equipas de professores, e as actividades de orientação de alunos e de relação com encarregados de educação*

- Sendo que, á autarquia compete a manutenção e conservação dos espaços escolares e equipamentos do pré-escolar e 1º ciclo.

Segundo o Artigo 13º do Regulamento interno deste Agrupamento, a administração e gestão do agrupamento é assegurada por órgãos próprios, que se orientam segundo os princípios e objectivos referidos no Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril do regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

São órgãos de administração e gestão do agrupamento:

a) Conselho geral;

O conselho geral é composto por 21 elementos, a saber:

- 7 Representantes do pessoal docente;
- 5 Representantes dos pais e encarregados de educação;
- 1 Representante dos alunos do ensino secundário;
- 2 Representantes do pessoal não docente;
- 3 Representantes da autarquia local;

⁵ Informação retirada do Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Trancoso no ano lectivo 2010/2011

- 3 Representantes da comunidade local, cooptados pelos restantes membros do conselho geral.

O director participa nas reuniões do conselho geral, sem direito a voto.

b) Director;

c) Conselho pedagógico;

O conselho pedagógico é constituído por:

- Director;
- Coordenador do conselho de docentes do pré-escolar;
- Coordenador do conselho de docentes do 1º Ciclo;
- Coordenador do departamento de línguas;
- Coordenador do departamento de ciências sociais e humanas;
- Coordenador do departamento de matemática e ciências experimentais;
- Coordenador do departamento de expressões;
- Coordenador dos directores de turma do ensino básico;
- Coordenador dos directores de turma do ensino secundário;
- Professor bibliotecário, responsável pela equipa das bibliotecas escolares;
- Um representante da educação especial;
- Coordenador dos cursos de educação e formação e cursos profissionais;
- Coordenador dos clubes e projectos de desenvolvimento;
- Um representante dos pais e encarregados de educação;
- Um representante dos alunos do ensino secundário.

O director é, por inerência, o presidente do conselho pedagógico

d) Conselho administrativo.

O conselho administrativo tem a seguinte composição:

- O director, que preside;
- O subdirector ou o adjunto do director, por ele designado para o efeito;
- O chefe dos serviços de administração escolar, ou quem o substitua;

1.4- Caracterização da Escola Básica 1 de Trancoso⁶

1.4.1- Localização e espaço:



Figura 3 e 4 – Escola Básica 1 de Trancoso (fonte própria)



Figura 5 e 6 – Planta da Escola Básica 1 de Trancoso (Fonte própria)

⁶ Caracterização feita com base nas informações fornecidas pela coordenadora e responsável pelo estabelecimento de ensino da escola básica 1 de Trancoso.

A Escola Básica 1 de Trancoso situa-se na Rua das Escolas Novas e pertence à freguesia de St^a Maria. É uma infra-estrutura moderna, construída de raiz para este efeito e inaugurada no dia 5 de Junho de 2010 pelo Sr. Primeiro-ministro Eng. José Sócrates, sendo o presente ano lectivo (2010/2011) o primeiro em que está a funcionar. Este edifício foi construído pela Câmara Municipal de Trancoso (C.M.T) e a esta cabe a responsabilidade da sua manutenção.

Esta escola possui dez salas de aula, distribuídas por dois pisos, sendo que, as do 1º ano estão no rés-do-chão e as dos restantes anos distribuídas no 1º piso.

No rés do chão existe também uma sala de convívio onde é feito o acolhimento dos alunos das 8.30 às 9:00h, e após as actividades de enriquecimento curricular, das 17:15h às 18:30. Existe também uma cantina onde é servido o almoço que é confeccionado na cozinha da Escola Básica do 2º Ciclo, pertencente ao mesmo agrupamento. Encontram-se também neste piso uma biblioteca, atelier de apoio às Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.), assim como salas de coordenação, de professores e funcionários, e instalações sanitárias para alunos e adultos.

No 1º piso além das salas de aula, existem também instalações sanitárias para adultos e crianças, um centro de recursos que está previsto futuramente funcionar como sala de informática, uma sala de apoio educativo e ateliers de expressões e ciências.

Todo o mobiliário e equipamento das salas de aulas, refeitório e dos restantes espaços, tal como instalações sanitárias é adequado, funcional e em bom estado uma vez que é tudo novo.

O espaço exterior está muito bem arranjado, moderno e adequado para esta faixa etária (uma vez que é uma obra recente), contém baloiços, um campo de futebol e um outro coberto que poderá ter diversas funções. O piso do campo coberto e da zona dos baloiços e diversões (tal como tubos para ginástica) é de um material sintético parecido com borracha, que previne que se magoem nas quedas.

1.4.2- Organização do ano lectivo 2010/2011:

O Projecto Curricular da Escola estabelece-se no reconhecimento da autonomia da escola (D.L.6/2001, cap.I, artº 5º,g), na definição de um Projecto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu contexto, ao estabelecer opções educativas próprias. O tema do projecto educativo no ano 2010/2011 é “Unir, valorizar

e saber” sendo a ideia central e partilhada por todos *“Promover o rigor e a excelência na Escola, unindo os alunos, estimulando a criatividade, a autonomia e valorizando o gosto pelo Saber”*, daqui emerge a necessidade e utilidade de elaborar um documento norteador e clarificador da acção educativa desenvolvida especificamente no seio da comunidade escolar, bem como, dos princípios orientadores que lhe estão subjacentes.

➤ **Calendário do Período de actividades lectivas 2010/2011**

| Períodos | Início | Termo |
|-----------------|----------------|----------------|
| 1ºPeríodo | 13 de Setembro | 17 de Dezembro |
| 2ºPeríodo | 3 de Janeiro | 8 de Abril |
| 3ºPeríodo | 26 de Abril | 22 de Junho |

Tabela 1- calendário lectivo

1.4.3- Alunos da Escola Básica 1 de Trancoso:

Esta escola acolhe alunos dos 4 anos de escolaridade do 1º ciclo. A grande maioria dos alunos que frequentam esta escola reside nos bairros limítrofes ou nas freguesias do concelho e desloca-se para esta escola com os pais ou no transporte escolar.

| Ano | Nº de Alunos |
|------------|---------------------|
| 1º | 47 |
| 2º | 49 |
| 3º | 37 |
| 4º | 39 |
| Total | 172 |

Tabela 2- Número de alunos de cada ano de escolaridade

| Distribuição dos alunos pelo Ano / Turma | | |
|---|---------------------|---|
| Ano/ Turma | Nº de Alunos | Alunos com Necessidades educativas especiais (NEE) |
| 1ºA | 16 | 1 |
| 1ºB | 15 | 1 |
| 1ºC | 16 | 0 |
| 2ºA | 17 | 0 |
| 2ºB | 15 | 0 |
| 2ºC | 17 | 1 |
| 3ºA | 18 | 0 |
| 3ºB | 19 | 1 |
| 4ºA | 19 | 0 |
| 4ºB | 20 | 1 |
| Total | 172 | 5 |

Tabela 3- Distribuição dos alunos por ano/turma

1.4.4- Horário e regime de funcionamento:

A Escola funciona em regime normal, com o seguinte horário:

- **Actividades Curriculares:**

| ▪ Turno da manhã: | ▪ Turno da tarde: |
|----------------------------------|--------------------------|
| Entrada: 9h | Entrada: 13.30h |
| Saída: 12h | Saída: 15.30h |
| Intervalo: 10.30h --- 11h | |

- **Actividades de enriquecimento Curricular:**

15.45h ----- 16.30h

16.45h ----- 17.30h

Nota: Nesta escola as actividades extra curriculares são: Expressão Musical, Expressão Artística, Expressão Físico Motora e Inglês, sendo leccionadas 2h semanais para cada expressão.

- **Horário da sala de Convívio / Ludoteca:**

08.00h ----- 09.00h

17.30h ----- 18.30h

Neste espaço estão três funcionárias da Câmara Municipal de Trancoso, e acolhem os alunos nas entradas e saídas das salas de aulas.

1.4.5- Recursos humanos:

Pessoal auxiliar

Esta escola possui seis Auxiliares de Acção Educativa, sendo duas delas são do sector da cantina.

Pessoal docente:

- 10 professores titulares de turma;
- 1 professor de apoio;
- 1 coordenadora de estabelecimento;
- 1 coordenador de 1º ciclo que também dá apoio educativo;

Sempre que necessário existe a intervenção de uma equipa multidisciplinar (Psicólogo, Terapeuta da fala, Psicomotrista) contratada pelo agrupamento para apoiarem crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

1.5- Caracterização da sala de aula

1.5.1- Planta da sala de aula da turma do 4ºB:

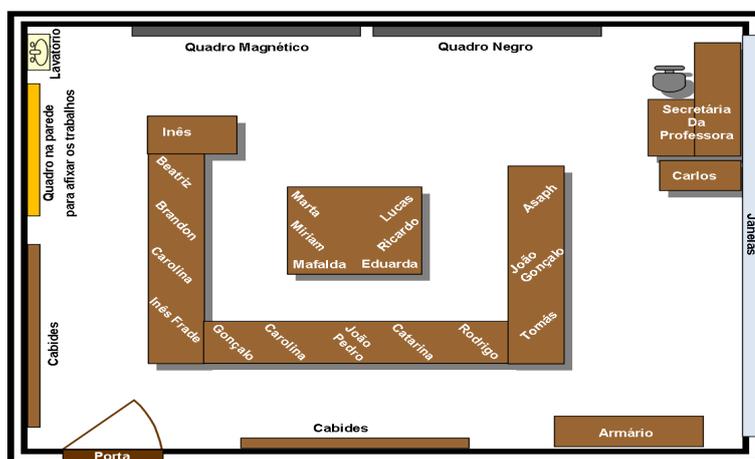


Figura 7- Planta da Sala de aula da turma do 4º B (Fonte própria)

1.5.2- Espaço:

A sala de aula onde decorreu toda a Prática de Ensino Supervisionada, situa-se no 2º piso da Escola do 1º Ciclo de Trancoso. Esta sala de aula reúne condições razoáveis para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Trata-se dum espaço suficientemente grande para o número de alunos, arejado; a sala dispõe também de muitas janelas que permite uma boa iluminação natural.

Quanto à disposição dos alunos no espaço descrito (Cf. figura7), estes encontravam-se distribuídos pelas mesas em forma de U formando no centro uma “ilha”; esta distribuição foi feita tendo em conta a capacidade de atenção dos alunos, o uso ou não de óculos, entre outros; contudo durante o ano, e sempre que necessário, essa disposição era alterada, adoptando diversas formas de disposição, de modo a dar resposta às necessidades dos alunos e para melhor se adequar às actividades propostas, pois tal como nos refere Arends (1995) “*a forma como a sala está organizada depende de cada professor, da sua perspectiva de grupo adequando-se da melhor forma às suas funções*”.

1.5.3- Mobiliário e material pedagógico da sala:

O mobiliário é novo, com um tamanho adequado à idade dos alunos; a sala dispõe também de cabides para todos os alunos, um lavatório, um quadro preto para escrever com giz e um quadro magnético.

Na sala existe um armário para as capas dos alunos e um armário para o material do professor.

Relativamente ao material pedagógico a sala encontra-se bem apetrechada, atendendo às necessidades do ano escolar em questão: possui material para as ciências experimentais, projector, mapas e globo, no entanto não existem computadores dentro da sala, tendo de se recorrer ao computador pessoal do professor e aos computadores “Magalhães” dos alunos.

II- CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS DA TURMA B DO 4º ANO:

2.1- Caracterização global da Turma⁷:

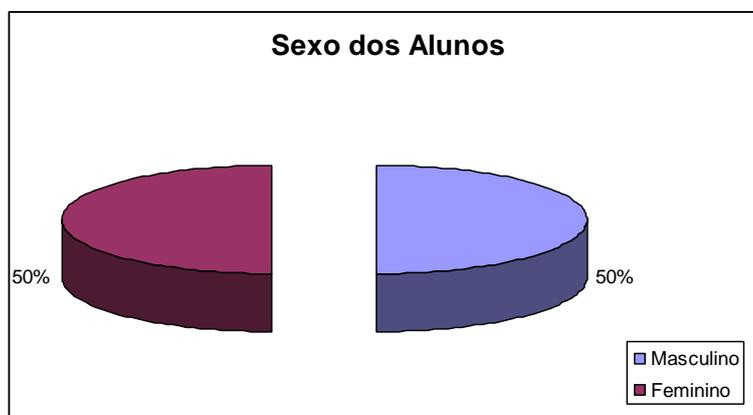
2.1.1- Sexo dos alunos:

Esta turma é heterogénea, constituída por vinte alunos, sendo dez do sexo feminino e dez do sexo masculino (cf. Tabela nº4 e gráfico nº1)

Gráfico 1- sexo dos alunos

| Sexo | Nº de Alunos |
|-----------|--------------|
| Feminino | 10 |
| Masculino | 10 |
| Total | 20 |

Tabela 4 – sexo dos alunos



2.1.2- Idade dos alunos:

A idade dos alunos desta turma varia entre os 10 e os 12 anos.

| Idade | Número de alunos |
|-------|------------------|
| 10 | 16 |
| 11 | 2 |
| 12 | 2 |

Tabela 5- idade dos alunos

⁷ Caracterização feita com base nas nossas observações durante o estágio.

2.1.3- Residência dos alunos

Como podemos observar na tabela seguinte, a residência dos alunos desta turma é maioritariamente em Trancoso.

| Local de residência | Número de alunos |
|---------------------------------------|-------------------------|
| Cidade de Trancoso | 14 |
| Freguesias do concelho fora da cidade | 6 |

Tabela 6- residência dos alunos

2.2- Caracterização familiar dos alunos:⁸

2.2.1- Número de irmãos dos alunos:

Através de uma análise aos dados da tabela 7, constatamos que a maior parte das famílias tem dois filhos.

| Número de irmãos | Número de alunos |
|------------------|------------------|
| 0 | 3 |
| 1 | 15 |
| 2 | 1 |
| 3 | 1 |

Tabela 7 – número de irmão

2.2.2- Caracterização cultural dos pais:

| Número do aluno | Pai | | | Mãe | | |
|-----------------|-------|--------------|----------------------------------|-------|--------------|----------------------------|
| | Idade | habilitações | Profissão | Idade | habilitações | Profissão |
| 1 | 48 | 12º | Funcionário administrativo | 41 | 12º | Funcionário Administrativo |
| 2 | 35 | 6º | Empresário | 31 | 6º | Empregada de balcão |
| 3 | 39 | 4º | Obras | 28 | 4º | Doméstica |
| 4 | 43 | 4º | Agricultor | - | - | - |
| 5 | 42 | Licenciado | Engenheiro | 40 | Licenciada | Professora |
| 6 | 42 | 4º | Agricultor | 38 | 12º | Doméstica |
| 7 | 45 | 4º | Agricultor | 45 | 4º | Doméstica |
| 8 | 41 | 6º | Pedreiro | 38 | 9º | Desempregada |
| 9 | 38 | Licenciado | Bancário | 38 | Licenciada | Professora |
| 10 | 44 | 12º | Bancário | 38 | Bacharelato | Técnica de contas |
| 11 | 33 | 6º | Constr. Civil | 33 | 12º | Escriturária |
| 12 | 41 | 6º | Maquinista | 44 | 4º | Doméstica |
| 13 | 33 | 9º | Pintor auto | 31 | 9º | Emp. de balcão |
| 14 | 48 | Licenciado | Jurista | 45 | Licenciada | Farmacêutica |
| 15 | 45 | 12º | Empresário | 45 | Bacharelato | Professora |
| 16 | 43 | Licenciado | Técnico informático | 42 | Licenciada | Formadora |
| 17 | 40 | 9º | Vendedor | 34 | 12º | Técnica de farmácia |
| 18 | 34 | 6º | Carpinteiro | 34 | 12º | Emp. De balcão |
| 19 | 38 | 12º | Funcionário da empresa municipal | 38 | Licenciada | Func. Autárquica |
| 20 | 43 | 9º | Func. CMT | 43 | Mestre | Professora |

Tabela 8- caracterização cultural dos pais

⁸ Caracterização feita com base na análise dos dados contidos no projecto curricular da turma efectuado no presente ano lectivo pela professora cooperante.

A maioria os pais/encarregados de educação encontra-se empregada, havendo apenas uma mãe desempregada e quatro domésticas e três pais agricultores. (cf. tabela nº 8), a idade dos pais varia entre os 33 anos e os 48 anos, e a idade das mães varia entre os 28 e os 45 anos.

As habilitações académicas que a grande maioria dos pais possuem, são até ao 2º ciclo e as mães o ensino secundário e superior (cf. gráfico 2).

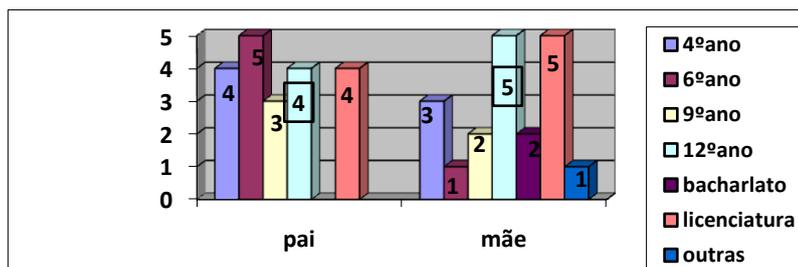


Gráfico2- Habilitações académicas dos pais.

Dos vinte alunos desta escola, oito beneficiam da acção social escolar no escalão A, 1 no escalão B, e 11 não beneficiam de acção escolar, o que indica aparentemente que têm um nível económico razoável/bom.

Gráfico 3- Beneficiários dos Serviços de Apoio Sócio-Económicos:



2.3- Caracterização psicopedagógica dos alunos da turma do 4ºB da Escola do 1º Ciclo de Trancoso⁹:

O número elevado de alunos na turma, a heterogeneidade tanto a nível social como cultural das famílias, reflecte-se na aprendizagem dos mesmos, nos seus interesses, perspectivas, acompanhamento em casa e conseqüentemente no seu aproveitamento escolar.

Dos vinte alunos desta turma, três alunos já foram retidos em anos anteriores. Dois alunos já foram retidos duas vezes, e um ficou retido no ano passado estando a repetir o 4º ano. Dos 2 alunos que ficaram retidos duas vezes um deles é um aluno com necessidades educativas especiais (NEE) que está inserido no ensino especial, porque não consegue acompanhar o ritmo médio da turma, tem um currículo específico e tem apoio pedagógico todos os dias; o segundo é um aluno que veio do Brasil, o que o obrigou a ficar retido e recuar um ano de escolaridade, e o terceiro é uma aluna que ficou retida no ano passado, mas à excepção do aluno com NEE, os outros dois estão agora a conseguir acompanhar o ritmo da turma de forma satisfatória.

Os alunos desta turma são alunos que revelam gosto por actividades de discussão oral, todos possuem um vocabulário normal e participam nas aulas de forma oportuna e espontânea, contudo existem quatro alunos que apenas participam quando solicitados.

Entre todos os alunos desta turma destacam-se cinco alunos com um ritmo de trabalho bastante rápido, são mais rápidos do que os outros a executar as tarefas, revelando uma boa capacidade de concentração e atenção, evidenciam-se também pelo facto de quererem estar sempre em acção, participando e dando opiniões.

Embora alguns alunos revelem uma certa competitividade pelo facto de quererem ser sempre eles a responder ou a ir ao quadro para mostrarem que sabem, salientam-se as atitudes de entreatajuda: quando um acaba a actividade primeiro do que o colega, enquanto espera, pergunta se pode ajudar o colega.

Em síntese, é uma turma com pontos fortes, nomeadamente, no que diz respeito à colaboração, participação e criatividade; o ponto mais fraco, é a falta de atenção de alguns alunos, mas que tem vindo a melhorar de forma significativa com o decorrer do tempo.

⁹ Caracterização feita a partir das nossas observações durante o estágio.

2º CAPÍTULO

I- DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA;

A conclusão deste mestrado dá-nos acesso a uma qualificação conjunta para a Educação Pré Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, pois permite a obtenção de habilitação profissional para a docência no 1º ciclo do Ensino Básico, e segundo o decreto Lei nº43 de 2007:

“A posse deste título constitui condição indispensável para o desempenho docente, nos ensinos público, particular e cooperativo e nas áreas curriculares ou disciplinas abrangidas por esse domínio”.

A Prática de Ensino Supervisionada, tem como objectivo procurar em contexto real desenvolver as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho, espírito crítico e reflexivo capaz de responder às exigências e desafios da profissão, o que corresponde ao Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor (D.L. nº240/2001 de 17 de Agosto).

A escola cooperante onde foi realizada a nossa Prática de Ensino Supervisionada, é uma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico pertencente ao Agrupamento Vertical de Escolas de Trancoso, está situada na Rua das Escolas Novas em Trancoso no distrito da Guarda.

A prática de estágio que realizámos decorreu junto da turma do 4º B. Esta turma era constituída por 20 alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade, das quais 10 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino, em que um deles apresentava Necessidades Educativas Especiais. Este aluno tinha um atraso cognitivo mas nunca tivemos oportunidade de o ter na nossa regência, uma vez que ele era acompanhado por um professor de ensino especial e pela equipa de terapeutas à quarta feira, coincidindo sempre com o dia da nossa regência.

A nossa prática de ensino supervisionada consistiu em 15 regências, uma por semana, com a duração de 5 horas cada, o que perfaz um total de 75 horas de presença na sala de aulas.

A nossa observação e reflexão acerca desse processo é muito importante, pois permite-nos fundamentar de forma mais firme as diversas opções educativas que seguimos ao longo do estágio, o que certamente irá também influenciar as opções que seguiremos no futuro, e tal como preconiza Alarcão (1996 b:180) :

“o objecto da reflexão é tudo o que se relaciona com a atuação do professor durante o ato educativo: conteúdos, contextos, métodos, finalidades do ensino, conhecimentos e capacidades que os alunos estão a desenvolver, factores que inibem a aprendizagem, o envolvimento do processo da avaliação, a razão de ser do professor e os papéis que se assumem”.

Devido à nossa pouca experiência foi com hesitação que iniciámos o estágio no 1º ciclo. Habitados ao ensino no Pré Escolar, dar aulas no 1º ciclo foi um grande desafio, onde surgiram algumas dúvidas nomeadamente quanto à forma como iríamos intervir na instituição e como iríamos ser recebidos por toda a comunidade educativa, mas apesar do que acabamos de referir consideramos que esta experiência foi muito enriquecedora, uma oportunidade que nos permitiu crescer a nível pessoal e profissional.

Assim com base nos objectivos do artigo 7º da Lei de Bases do Sistema Educativo, que entre outros podemos destacar o seguinte:

- a) *Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;*

E tendo em conta o Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico, respeitando as orientações da escola cooperante, o Plano Anual de Actividades e o Projecto Educativo da Escola (uma vez que este define as metas a atingir ao longo do ano na escola em questão), que conduzimos o processo ensino – aprendizagem durante a prática de estágio.

Foi no início um pouco estranho vermos os alunos sentados nas cadeiras em frente às mesas, sem o movimento típico do Pré-escolar, pois contrariamente ao ambiente do Pré Escolar, no contexto do 1º ciclo a autoridade e permissividade têm de ser bastantes diferentes.

Para que a nossa intervenção se enquadrasse no dia-a-dia dos alunos, se processasse de forma coerente e sequencial, de modo a que existisse sempre um fio condutor com o que a professora cooperante estava a trabalhar, tornou-se necessária uma reunião semanal com a professora cooperante durante a qual esta nos informava e aconselhava sobre os conteúdos que deveríamos abordar nas nossas regências.

Partindo da informação que a professora cooperante nos fornecia, planificávamos as nossas regências, o que no início pela pouca experiência, era uma tarefa complexa. Para conduzirmos a aula com mais segurança achámos muito útil prepararmos sempre o guião de aula, porém a grande dificuldade sentida foi gerir o tempo no entanto essa dificuldade foi diminuindo com a prática.

Tentamos iniciar todas as nossas regências com uma actividade de motivadora, um jogo, uma história relacionadas com o tema que iríamos abordar, e que fizesse despertar o interesse dos alunos, a curiosidade e o desejo de descobrir, estratégia preconizada por Balancho e Coelho (1996:17):

“a motivação suscita ou incita uma conduta (...) [e faz com que] o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades”.

Essas actividades foram algo com que sempre nos sentimos à vontade, uma vez que eram actividades que estávamos habituados a fazer em contexto Pré Escolar, por outro lado os alunos também mostraram sempre muito interesse neste tipo de actividades. Por vezes também fazíamos jogos no final de um tema como forma de consolidação que serviam também para avaliarmos se os alunos tinham percebido o que tínhamos estado a trabalhar.

Para apresentação dos conteúdos utilizávamos regularmente o Power point, pois no nosso entender tornou-se uma forma mais interessante de abordar um tema, e os alunos também mostraram muito interesse por este tipo de recurso, para eles tornou-se mais fácil perceber através de esquemas, figuras animadas e imagens grandes, o que e

permitiu “fugir” à simples leitura do que estava no manual e promovendo assim uma aprendizagem compreensiva

Através do tema escolhido para cada regência, proporcionávamos actividades diversificadas que permitissem contemplar as diferentes áreas curriculares de forma articulada.

Para além do trabalho individual dos alunos demos também muita importância aos trabalhos em grupo, de forma a potenciar a cooperação a entreaajuda e partilha das suas vivências o que lhes permitiu aprofundar os seus conhecimentos, prática pedagógica também preconizada por Isabel Alarcão, (1996:76):

“a aprendizagem cooperativa, permite-se o conforto de pensamento entre pares e pequenos grupos; os alunos podem (...) explicitar oralmente o seu raciocínio, partilhando-o e, clarificar as suas ideias para si próprio e para os outros”.

Após a apresentação de um conteúdo fazíamos frequentemente a revisão, sobre forma de esquemas no quadro para sintetizar o que tínhamos acabado de falar, pois tal como refere o Programa do 1º Ciclo *é importante que desde o início, os alunos façam o registo daquilo que observam* (2004:115).

A insegurança que sentíamos inicialmente foi desaparecendo gradualmente ao longo das regências, cada dia que passava era mais notória a familiaridade dos alunos connosco, porém levava muitas vezes à falta de respeito, sendo por vezes necessária a intervenção da professora cooperante para evitar esses abusos de confiança.

Regra geral os alunos eram sociáveis e dinâmicos, gostavam de dar sugestões, gostavam de relatar as suas experiências, os acontecimentos vividos, daí ajustar o conteúdo às vivências dos alunos foi um elemento que consideramos imprescindível. Assim sempre que iniciávamos um tema proporcionávamos um debate, e verificávamos que os alunos conseguiam relacionar facilmente as suas experiências com o conteúdo em questão. Esta foi uma forma por nós escolhida para levarmos os alunos a ter desejo de saber mais sobre o que já conheciam vagamente, e assim tinham também oportunidade de participar na construção do seu conhecimento.

Pudemos constatar o gosto de alguns alunos em ajudarem os colegas com mais dificuldade e que por isso se atrasava na realização das tarefas, daí também percebemos

uma grande necessidade de estarem ocupados com qualquer actividade, pois caso contrário distraíam-se e partiam para conversas paralelas e tornavam-se barulhentos.

Durante as nossas regências, a actividade que verificamos que despertou mais interesse nos alunos, foram as experiências que fizemos sobre as “propriedades do ar”. Deste modo para proporcionarmos um espaço adequado à actividade modificamos a disposição das mesas e cadeiras na sala e pusemos o material à disposição, e depois foram os alunos que realizaram as diversas experiências de modo a encontrarem respostas às questões suscitadas pelo tema. Esta foi uma actividade que despertou o sentido de descoberta, os alunos fizeram as suas suposições e depois procuraram em grupo as respostas.

Os alunos mostraram também muito interesse em actividades onde pudessem utilizar o computador, mas foi quase impossível proporcionar esse tipo de actividade, pois a escola não dispunha de computadores para os alunos, apenas podíamos contar com os computadores “Magalhães” dos alunos, e a maior parte deles já estava avariada.

Como avaliação aos alunos recorremos à observação directa do desempenho, a participação e comportamento, o que nos serviu de base para a reflexão que fazíamos depois de cada regência, reflexão essencial para repensarmos nas estratégias e nos métodos de ensino mais adequados de forma a despertar o interesse dos alunos.

Para nós o estágio foi muito importante, foi o ponto de partida e proporcionou-nos uma visão sobre um outro ciclo de ensino. O estágio incitou-nos o desejo de investigar e reflectir, com o questionamento diário, com a capacidade de pensarmos acerca do que fizemos que pudemos adoptar práticas e reorganizar a nossa intervenção o que nos levou a um aperfeiçoamento gradual; Ao longo desta caminhada tivemos a oportunidade de “aprender ensinando”, “aprender a ensinar” e “aprender a fazer fazendo”, embora haja ainda um longo caminho para percorrermos, como afirma Paulo Freire (1996, p. 58):

“Ninguém começa a ser educador numa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

Passadas as dificuldades iniciais, o resultado final pareceu-nos bastante positivo e enriquecedor, a Professora Cooperante Fernanda bem como a Professora supervisora Florbela Rodrigues, foram para nós fundamentais durante o estágio, foi com a sua ajuda, conselhos e críticas construtivas, que nos permitiram constatar que esta é uma profissão que requer empenho e rigor.

3º CAPÍTULO

“Sobre o valor pedagógico dos trabalhos de casa: um estudo em turmas do 3º e 4º ano na Escola do 1º ciclo de Trancoso”

1.1- A escolha do tema:

O tema do presente capítulo resulta das experiências vividas, pessoais e profissionais. Na tentativa de aprofundar e esclarecer questões que nos surgiram no dia a dia elaborei um projeto de investigação sobre a utilidade e a finalidade dos trabalhos de casa, interesse surgido pelo facto de sermos mãe de duas alunas no 1º Ciclo do Ensino Básico, sentimos por isso necessidade de obter e aprofundar conhecimentos sobre o valor pedagógico dos trabalhos de casa a fim de melhor compreender a sua dinâmica e as dificuldades que lhe são inerentes.

Quando vamos buscar as nossas filhas à escola, na reunião de pais ou quando as levamos à catequese, verificamos que os pais manifestam uma preocupação constante assim como algum desagrado devido aos trabalhos de casa que são pedidos aos seus filhos.

Com o intuito de compreendermos o porquê desse desagrado, este capítulo tem como objectivo procurar respostas para algumas das muitas questões que se podem colocar à comunidade educativa quando nos interrogamos sobre esta temática, delas salientamos três aspectos:

3. O valor pedagógico dos trabalhos de casa, quer na aprendizagem quer na avaliação dos alunos;
4. Quantidade adequada;
5. Opiniões dos envolvidos;

1.2- Metodologia seguida:

Para realizar este estudo elaboramos um modelo de questionário próprio a fim de recolher dados que nos permitissem perceber as diferentes perspectivas (professoras, alunos e pais) sobre os trabalhos de casa.

O método: Garantindo o anonimato dos intervenientes, foram construídos 3 questionários diferentes (cf. apêndice 2,3,4): um para os professores; um para alunos; outro para pais. As questões colocadas visavam obter informações sobre a questão em estudo e permitiam respostas abertas, segundo Matalon e Ghiglione (1997, p. 115) os questionários permitem¹⁰:

“(...) que o sujeito responda utilizando o seu próprio vocabulário, expresse a sua opinião, forneça pormenores e engendre comentários úteis, para a compreensão dos conceitos, das atitudes, dos valores que estes manifestam”.

A utilização destes questionários permitiu-nos um conhecimento mais individualizado das perceções dos professores, pais e alunos, sobre frequência, quantidade, tipologia, aceitação, dificuldades e envolvimento dos pais e avaliação dos trabalhos de casa.

1.3- Local do estudo:

A pesquisa foi realizada numa escola da rede pública, na Escola Básica do 1º Ciclo de Trancoso onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada e foi pedida uma autorização à coordenadora/ responsável por este estabelecimento de ensino, para a realização deste estudo (cf. Apêndice 1).

Esta escola é constituída por 3 turmas do 1º ano, 3 turmas do 2º ano, 2 turmas do 3º ano e 2 turmas do 4º ano, o que faz um total de 142 alunos.

¹⁰ Na impossibilidade de entregar os questionários pessoalmente a todos os pais alguns foram enviados para suas casas por correio e recolhidos posteriormente os outros responderam na nossa presença, o mesmo aconteceu com as professoras e com os alunos.

1.4- Sujeitos do estudo:

Para amostra do estudo escolhemos uma turma do 3º ano e uma turma do 4º ano. Escolha que justificamos pelo facto dos alunos destes anos de escolaridade já possuírem capacidade e autonomia para responderem ao questionário e poderem dar a sua opinião.

A amostra deste estudo é constituída pela opinião de 18 alunos da turma do 3º ano, 19 alunos do 4º ano; dos respectivos pais e professores titulares dessas turmas, ou seja: 2 professores, 37 alunos e 37 pais.

1.4.1- Caracterização da turma do 3º ano

A turma do 3º ano que participou no estudo é constituída por 18 alunos com idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos de idade, 8 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Destes alunos, 7 residem em freguesias fora da cidade, dos quais, 3 utilizam o transporte escolar, os restantes utilizam o transporte pessoal para se deslocarem para a escola.

Dos questionários entregues aos pais dos 18 alunos desta turma, é de notar que na maioria dos questionários foi a mãe que respondeu, apenas 1 questionário foi preenchido pelo pai.

1.4.2- Caracterização da turma do 4º ano

A turma do 4º ano, que participou no estudo, é constituída por 19 alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade, 10 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Destes alunos, 13 residem nas freguesias fora da cidade, 6 utilizam o transporte escolar, 11 o transporte dos pais, e 2 deslocam-se a pé para a escola.

À semelhança da turma do 3º ano, a maioria dos questionários entregues aos pais dos 19 alunos desta turma obteve uma resposta dada pela mãe, em apenas dois casos foi o pai quem respondeu ao questionário. Embora houvesse uma boa aceitação por parte dos pais dos alunos de ambas as turmas em participar no estudo, alguns não responderam a certas questões, o que nos leva a inferir que possa ter sido ou por dificuldade em precisar o que pensavam, desinteresse e falta de observação, ou por não terem opinião formada.

Convém ainda, por ser importante, referir que tanto numa turma como na outra o professor tem sido sempre o mesmo desde o 1º ano; facto que facilita em nosso entender um recíproco conhecimento originando um melhor ambiente para a aprendizagem.

1.5- Apresentação e análise dos dados recolhidos;

Para melhor se compreender o nosso propósito, apresentamos os resultados dos questionários realizados em duas partes: a primeira parte refere os dados recolhidos na turma do 3º ano, com a apresentação sucessiva das respostas da professora e a análise das respostas dos alunos e dos pais, comparando-as com as da professora.

Na segunda parte procede-se de igual modo, mas com os dados referentes à turma do 4º ano.

Apresentamos os resultados em 9 pontos por nós escolhidos referentes aos trabalhos de casa, assim:

- 1- Frequência e quantidade;
- 2- Tipologia;
- 3- Finalidade;
- 4- Trabalhos de casa, aceitação e adesão dos alunos;
- 5- Atitude da professora quando os alunos não fazem os trabalhos de casa;
- 6- Duração (tempo dedicado diariamente aos trabalhos de casa);
- 7- Dificuldades dos alunos na realização dos trabalhos de casa;
- 8- O papel dos pais no auxílio dos trabalhos de casa e na participação na vida escolar dos filhos;
- 9- Avaliação e método de correcção dos trabalhos de casa;

1ª PARTE

Respostas da professora do 3º ano ao questionário¹¹

Frequência

Costuma pedir trabalhos de casa aos seus alunos?

R: “*Sim*”

Qual a frequência dos trabalhos pedidos?

- i) Diários
- ii) Fins de semana
- iii) Ocasionais

Quantidade

Que quantidade marca habitualmente?

R: “*Marco alguns exercícios de acordo com a matéria leccionada durante o dia*”.

Quanto tempo julga ser necessário para os alunos realizarem os trabalhos de casa?

R: “*Aproximadamente entre 20 a 30 minutos*”.

Tipo de trabalhos

Que áreas contemplam?

R: “*Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*”.

Os trabalhos de casa que marca são um prolongamento das matérias já estudadas (continuidade) ou são uma preparação para as matérias que serão estudadas na aula (antecipação)?

R: “*São um prolongamento das matérias já estudadas*”.

¹¹ Reproduzimos as respostas que foram dadas por escrito pela professora.

Finalidade

Qual é a finalidade dos trabalhos de casa?

R: “Aplicar e desenvolver os conteúdos leccionados ao longo do dia, podendo os mesmos serem trabalhados em conjunto com os encarregados de educação.”

Que valor pedagógico lhe atribui?

i) Para o professor

R: “Servir de avaliação formativa na medida em que posso verificar se os alunos assimilaram os conteúdos estudados durante as aulas”.

ii) Para o aluno

R: “Criar no aluno capacidade de pesquisa, métodos de trabalho e dotá-lo ainda de responsabilidade e autonomia”.

Reações

Corrige sempre os trabalhos de casa?

R: “Corrijo sempre os trabalhos de casa, no sentido de poder detectar se houve ou não compreensão e aquisição dos conteúdos abordados.”

Qual a atitude que tem quando os alunos não fazem os trabalhos marcados para casa?

R: “Procuro alertá-los da importância dos mesmos na solidificação dos assuntos tratados durante as aulas”.

Consequências:

R: “Não entendo que deve haver consequências penalizadoras a aplicar, uma vez que os mesmos não são de carácter obrigatório, embora os incentive à realização dos mesmos”.

Alunos

Como acha que os alunos vêem os trabalhos?

R: “Se o professor conseguir passar a mensagem de que este tipo de trabalho é extremamente importante na concretização e aquisição das matérias, os alunos acabam por aceitar de forma positiva e satisfatória”.

Os alunos manifestam dúvidas ou dificuldades na realização dos trabalhos de casa?

R: “Os trabalhos de casa são o reflexo da compreensão e assimilação dos temas abordados; podendo ou não manifestar dúvidas”.

Como lida com essas dúvidas?

R: “Procuro averiguar o motivo dessas dúvidas. De seguida recapitulamos em conjunto os temas dados e sempre que possível são contextualizados em cenários diversificados”.

Pratica alguma diferenciação ou os trabalhos para casa são iguais para todos?

R: “Por vezes são diferenciados tendo em conta as capacidades e o ritmo de aprendizagem de cada criança”.

O papel dos pais

Os trabalhos para casa que manda aos seus alunos são próprios para os alunos realizarem sozinhos ou necessitam da ajuda dos pais?

R: “A grande maioria dos trabalhos de casa são pensados e delineados de forma a poderem ser elaborados pelos alunos; no entanto podem surgir tarefas onde haja necessidade de apoio dos encarregados de educação”.

Acha que os pais dos seus alunos têm competência para auxiliar os filhos na realização dos trabalhos de casa?

R: “Todos os pais revelam gosto e vontade em acompanhar de perto a aprendizagem dos seus educandos, embora possuam competências bastante diversificadas”.

Que tipo de contacto mantém com os pais dos seus alunos?

R: “Procuro estabelecer um contacto contínuo e regular ao longo do ano com todos os encarregados de educação”.

Realiza algum tipo de trabalho em parceria com as famílias dos alunos?

R: “Dou conhecimento e tento envolvê-los na vida escolar essencialmente nas actividades de Plano Anual de Actividades e no Projecto Curricular de Turma”.

Apresentação e análise dos dados dos questionários referentes à turma do 3º ano:

1- Frequência e quantidade:

No que diz respeito à frequência dos trabalhos que levam para casa todos os alunos, e respectivos pais, responderam que é diária, o que mostra um desacordo com a resposta obtida da professora da referida turma, uma vez que esta respondeu que são ocasionais. Quanto à quantidade, a maioria dos alunos refere que “são muitos”. Dos 18 alunos desta turma apenas 6 (33.3%) concordam com a quantidade de trabalhos pedida, dizendo que “está bem”, os restantes alunos (66,6%) alegam que os trabalhos são muitos, justificando a sua resposta por falta de tempo, uma vez que chegam tarde a casa. A opinião dos pais não difere da dos filhos, 12 dos 18 pais inquiridos disseram considerar a quantidade elevada, 4 dos pais consideram-na adequada e 2 não deram opinião.

2- Tipologia:

As respostas sobre a tipologia não obtiveram diferenças significativas, nem entre a professora nem entre os pais e alunos da turma, todos referem que os trabalhos pedidos são uma repetição daquilo que estiveram a trabalhar durante o dia de aulas, referem-se às áreas da matemática, estudo do meio e língua portuguesa.

3- Finalidade:

Na questão sobre a finalidade dos trabalhos de casa as respostas foram variadas. Na opinião de 10 alunos os trabalhos de casa servem para aprender, para 7 servem para rever a matéria aprendida; e para 1 servem para aprender e não esquecer o que aprenderam, conforme se vê no gráfico seguinte:

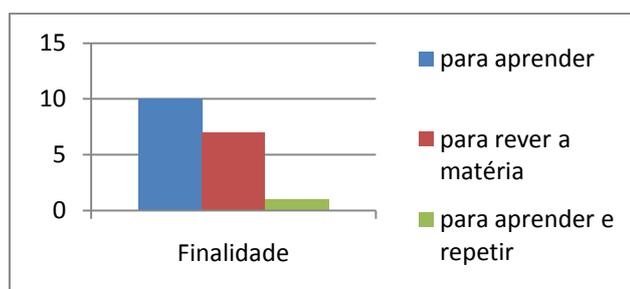


Gráfico nº 4 - opinião dos alunos da turma do 3º ano sobre a finalidade dos trabalhos de casa.

Em resposta a esta mesma questão a professora desta turma responde: “*Aplicar e desenvolver os conteúdos leccionados ao longo do dia podendo os mesmos serem trabalhados em conjunto com os encarregados de educação*” o que confirma, em grande parte, a opinião dos alunos.

As opiniões dos pais destes alunos já são mais variadas, 5 disseram que os trabalhos de casa servem para criar hábitos de estudo nos alunos, 5 disseram que servem para rever e aprofundar o que aprenderam na escola, 5 disseram que são muito importantes, mas que deveriam ser em menor quantidade pois acabam por desmotivar os alunos devido ao cansaço, e 3 não expressaram qualquer opinião (cf. gráfico nº5).

Da análise destes dados podemos tirar uma primeira conclusão: os pais vêem os trabalhos de casa como importantes e úteis mas manifestam desgosto em relação à quantidade.

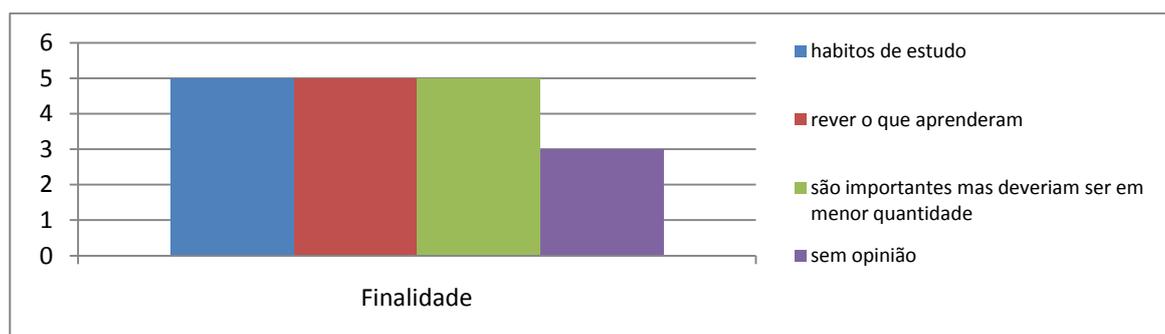


Gráfico nº 5- opinião dos pais dos 18 alunos da turma do 3º ano

4- Trabalhos de casa, aceitação e adesão dos alunos:

Pela análise dos dados obtida é-nos possível inferir que a maioria dos alunos aceita os trabalhos de casa, embora não signifique que goste de os fazer ou os deseje. À questão sobre “se fazem sempre os trabalhos de casa”, 15 alunos responderam que sim, e 3 disseram “às vezes não”; quanto a saber se gostam de os fazer 13 reponderam afirmativamente, 4 optaram por uma resposta evasiva dizendo “ às vezes não gosto”e 1 disse que não gostava.

5- Atitudes da professora quando os alunos não fazem os trabalhos de casa:

Sobre a atitude que a professora tem quando os alunos não fazem o trabalho de casa, as respostas dos alunos foram variadas: 7 dos alunos disseram que os faziam sempre, 6 referiram que a professora os mandava fazer no intervalo, ou juntava-os aos

trabalhos para o dia seguinte, o que fazia aumentar a sua quantidade; 3 disseram que ficava “chateada” e pedia uma justificação para saber porque os não fizeram; 2 disseram que “mandava recado no caderno para a mãe ver”.

De acordo com esta análise fica claro que existem sanções por parte da professora para os alunos que não fazem os trabalhos de casa a tempo, sanções que se resumem em privar os alunos do seu tempo pessoal, quer através de um desdobramento do trabalho, quer pela diminuição ou privação do recreio. A professora quando questionada sobre o assunto respondeu:

“Procuró alertá-los da importância dos mesmos na solidificação dos assuntos tratados durante as aulas. Não entendo que deve haver consequências penalizadoras a aplicar, uma vez que os mesmos não são de carácter obrigatório, embora os incentive à realização dos mesmos”.

6- Duração:

Quanto ao tempo atribuído diariamente para a realização dos trabalhos de casa as respostas são extremadas, vão desde os 30 minutos até cerca de 2 horas; outros ainda na impossibilidade de precisarem o tempo dispendido acabam por relacionar o tempo com a quantidade, “depende dos trabalhos”, outros ainda dizem “não sei, mas é muito”¹².

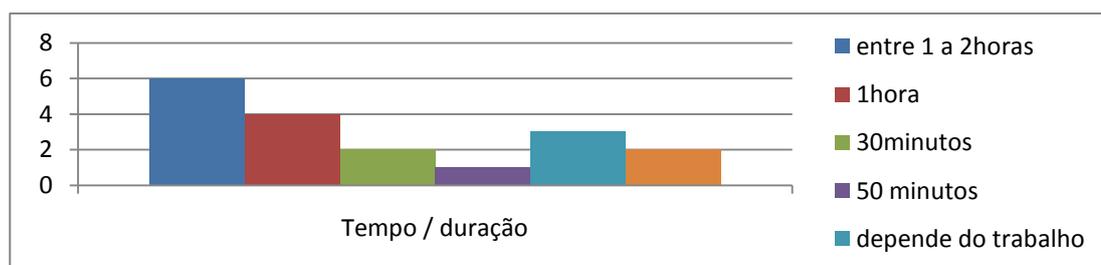


Gráfico nº 6- opinião dos alunos quanto ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa.

¹² Quando questionados sobre as actividades que realizam depois de sair da escola, os alunos para além de fazerem os trabalhos de casa, dividem o seu tempo entre ver televisão e uma actividade semanal como: natação, basquete, música, ginástica, futebol, catequese e ver televisão.

Estes dados não reúnem consenso com a perspectiva da professora que diz que 20 a 30 minutos são suficientes para a realização dos trabalhos pedidos, o que em nosso entender revela um sério desconhecimento da professora sobre as capacidades dos seus alunos, e evidencia que a professora se coloca como referência.

A opinião dos pais não varia da opinião dos filhos, como podemos observar no gráfico nº7 seguinte:

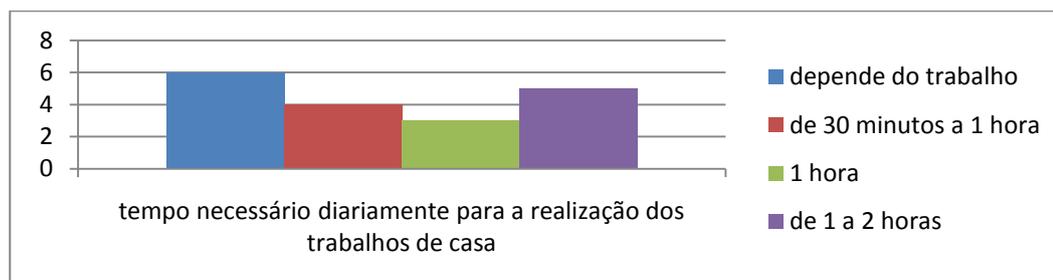


Gráfico nº 7- respostas do pais dos alunos da turma do 3º ano relativamente ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa dos seus filhos.

7- Dificuldades dos alunos na realização dos trabalhos de casa:

Quanto às dificuldades sentidas na realização dos trabalhos de casa, os resultados revelam que os alunos estão demasiado dependentes dos pais para a concretização dessa tarefa, apenas dois disseram não precisarem dessa ajuda.

Quando surgem dúvidas na realização dos trabalhos de casa 3 alunos apenas disseram que guardam as dúvidas para se esclarecerem com a professora no dia seguinte, todos os outros preferem recorrer à ajuda da família.

Questão sobre a qual a professora respondeu:

“A grande maioria dos trabalhos de casa são pensados e delineados de forma a poderem ser elaborados pelos alunos; no entanto podem surgir tarefas onde haja necessidade de apoio dos encarregados de educação”.

8- Participação dos pais:

Embora a maioria dos pais tenha respondido que não sentia dificuldade em dar ajuda e acompanhar os trabalhos de casa dos seus filhos, 8 responderam que às vezes sentiam muito essa dificuldade por falta de tempo ou por falta de conhecimento sobre os conteúdos (cf. gráfico nº8)



Gráfico n° 8- dificuldade dos pais dos alunos da turma do 3º ano em ajudar os filhos na realização dos trabalhos de casa.

Pais que quando questionados sobre o contato que mantêm com a escola e a professora dos seus filhos as respostas são de forma diversa: 11 dos pais dizem ter pouco contato, vão à escola quando solicitados ou nas reuniões do final de período, e 7 dos pais dizem que têm um contato regular de modo a poderem acompanhar a vida escolar dos filhos (gráfico n°9).

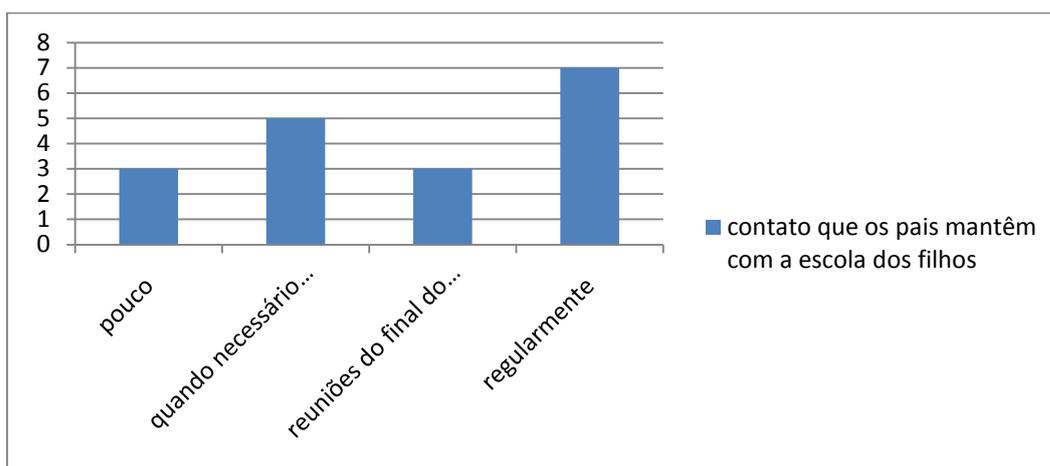


Gráfico n°9- contato dos pais com a escola ou professora do seu filho.

Sobre o mesmo assunto a professora responde: *“Procuro estabelecer um contacto contínuo e regular ao longo do ano com todos os encarregados de educação”*.

Questionada sobre o trabalho de colaboração das famílias, a sua resposta mostra que não realiza nenhum trabalho específico com as famílias dos seus alunos apenas respondido que lhes dava conhecimento das actividades do Plano Anual de Actividades e do Projecto Curricular de Turma”.

Podemos assim concluir que a relação família/escola desta turma resume-se apenas ao conhecimento das avaliação dos filhos, e o único conhecimento dos conteúdos trabalhados pelos seus filhos nas aulas é feito pelo acompanhamento dos

trabalhos de casa, pois não mostram que exista nenhum tipo de actividade curricular com a colaboração da família.

9- Avaliação e metodologia de correcção dos trabalhos de casa;

As respostas dos alunos quando questionados se a professora corrige os trabalhos de casa foram: 16 alunos responderam que sim; 2 responderam que só às vezes. Sobre a forma como a professora faz essa correcção é afirmado pelos alunos que é feita no caderno ou no quadro em conjunto com a turma toda.

A resposta da professora também coincidiu com as respostas dos alunos, que justificou como forma escolhida para avaliar se houve ou não compreensão dos conteúdos.

Estas respostas revelam que na sala de aula é repetido o trabalho que foi feito em casa.

Em nosso entender essa forma de avaliação não é a mais indicada, uma vez que estes alunos sentem a necessidade de recorrer aos pais para a realização dos trabalhos de casa, o que leva a professora a avaliar não a capacidade de compreensão dos alunos, mas sim a competência dos pais, ultrapassando assim o limite educativo que a avaliação dos trabalhos de casa lhe proporcionaria.

2ª PARTE

Respostas da professora do 4º ano ao questionário ¹³

Frequência

Costuma pedir trabalhos de casa aos seus alunos?

R: “*Sim*”

Qual a frequência dos trabalhos pedidos?

- iv) Diários
- v) Fins de semana
- vi) Ocasionais

Quantidade

Que quantidade marca habitualmente?

R: “*Leitura de textos, cópias, resumos, composições e operações matemáticas*”.

Quanto tempo pensa ser necessário os alunos dispensarem na realização dos trabalhos de casa?

R: “*Aproximadamente 1 hora*”.

Tipo de trabalhos

Que áreas contemplam?

R: “*Matemática, Língua Portuguesa*”.

Os trabalhos de casa que marca são um prolongamento das matérias já estudadas (continuidade) ou são uma preparação para as matérias que serão estudadas na aula (antecipação)? R: “*Por vezes um prolongamento das matérias já estudadas, e noutras ocasiões preparação do que vai ser estudado na aula*”.

¹³ Reproduzimos as respostas que foram dadas por escrito pela professora

Finalidade

Qual é a finalidade dos trabalhos de casa?

R: *“Sistematização dos conhecimentos adquiridos.”*

Que valor pedagógico lhe atribui?

iii) Para o professor

R: *“Servir de apoio às actividades escolares”.*

iv) Para o aluno

R: *“Treino”.*

Reações

Corrige sempre os trabalhos de casa?

R: *“Corrijo sempre, as operações matemáticas no quadro com os alunos”.*

Qual a atitude que tem quando os alunos não fazem os trabalhos marcados para casa?

R: *“Reprovo a atitude”.*

Consequências:

R: *“Ficam a fazê-los no intervalo”.*

Alunos

Como acha que os alunos vêm os trabalhos?

R: *“Aceitam porque sabem que servem para sistematizar os conhecimentos”.*

Os alunos manifestam dúvidas ou dificuldades na realização dos trabalhos de casa?

R: *“Por vezes”.*

Como lida com essas dúvidas?

R: “Eu peço para que quando têm dúvidas os não façam e me apresentem essas dúvidas no dia seguinte”.

Pratica alguma diferenciação ou os trabalhos para casa são iguais para todos?

R: “Geralmente são iguais para todos”.

O papel dos pais

Os trabalhos para casa que manda aos seus alunos são próprios para os alunos os realizarem sozinhos, ou necessitam da ajuda dos pais?

R: “São trabalhos para realizarem sozinhos”.

Acha que os pais dos seus alunos têm competência para auxiliar os filhos na realização dos trabalhos de casa?

R: “Alguns”.

Que tipo de contacto mantém com os pais dos seus alunos?

R: “Só quando esse contacto é solicitado por qualquer uma das partes”.

Realiza algum tipo de trabalho em parceria com as famílias dos alunos?

R: “Pouco, mas peço a colaboração em algumas actividades pontuais”.

Apresentação e análise dos dados dos questionários referentes à turma do 4º ano

1- Frequência e quantidade:

No que diz respeito à frequência dos trabalhos que levam para casa todos os alunos, e respectivos pais, responderam que é diária. Sobre a quantidade dos trabalhos pedidos, dos 19 alunos desta turma apenas 8 referiram que a quantidade dos trabalhos de casa é adequada, todos os outros consideram que a quantidade dos trabalhos de casa pedidos é elevada, a opinião dos pais correspondentes não difere da dos alunos.

2- Tipologia:

Nas respostas sobre a tipologia não encontramos diferenças significativas, professora e alunos da turma, afirmam que o tipo de trabalhos é uma repetição daquilo que estiveram a trabalhar durante o dia de aulas, e esses trabalhos referem-se mais à área da matemática e língua portuguesa, mais precisamente fichas de matemática e composições.

Das respostas obtidas uma observação se impõe: podemos assim inferir que os trabalhos de casa são um trabalho de repetição e memorização.

3- Finalidade:

Na questão sobre a finalidade dos trabalhos de casa, segundo 10 alunos os trabalhos de casa servem para rever o que aprenderam, porém na opinião de 8 alunos os trabalhos de casa servem para aprender, um dos alunos não deu resposta a esta questão (cf. gráfico nº10).

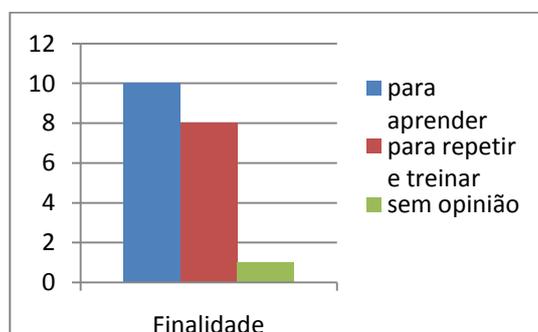


Gráfico nº10 - opinião dos alunos da turma do 4º ano sobre a finalidade dos trabalhos de casa.

Graças à análise anterior sobre a tipologia, podemos afirmar que aprender, significa para os alunos aprofundar o que aprenderam, uma vez que verificamos que os trabalhos de casa desta turma são uma repetição das matérias estudadas;

Em resposta a esta mesma questão obtivemos opiniões muito diversificadas como podemos observar na tabela seguinte¹⁴:

| Resposta dos pais | Número de pais com a mesma opinião |
|--|---|
| <i>“Para aplicarem o que aprenderam”</i> | 6 |
| <i>“Para o professor ver se os alunos ficaram a perceber e se ele ensinou bem”</i> | 3 |
| <i>“Para criar hábitos de estudo”</i> | 2 |
| <i>“Para reforçar o trabalho do professor”</i> | 1 |
| <i>” “Para mim têm pouco valor, porque às vezes a minha filha não ficou a perceber bem a matéria na aula e depois em casa não os sabe fazer e temos de se nós a fazê-los ou a ensinarmos-lhe”.</i> | 1 |
| <i>“São bons para o professor perceber se os alunos perceberam ou não a matéria, mas ao caírem no exagero e mandarem muitos trabalhos para casa vai fazer com que os alunos de desmotivem, pois já vêm cansados da escola porque passam lá muitas horas”</i> | 1 |

Tabela nº9- respostas dos pais à questão: “Na sua opinião qual a finalidade dos trabalhos de casa?”

Através da análise da tabela verificamos que parte significativa dos pais considera, tal como os filhos, que a finalidade dos trabalhos de casa é repetir e reforçar o que foi ensinado pelo professor nas aulas, porém os pais de 4 alunos consideram que os trabalhos de casa são uma forma de avaliação: por um lado permitem avaliar se o professor ensinou bem, por outro lado avaliam se o aluno percebeu a matéria.

Verificamos ainda que, quando questionados sobre a finalidade dos trabalhos de casa, alguns dos pais manifestam um certo descontentamento com esta prática, quer

¹⁴ Reproduzimos por escrito e na íntegra as respostas dos pais que obtivemos.

pelo tipo de trabalhos como também pela quantidade de trabalhos pedida aos filhos (cf. Tabela nº9).

Destes pais, 5 houve que não deram qualquer opinião, o que nos leva a afirmar que desconhecem exactamente qual é a utilidade dos trabalhos de casa.

Sobre o objectivo dos trabalhos de casa, a opinião da professora não difere da opinião dos alunos, pois esta considera que os trabalhos de casa servem para os alunos:

“*Treino...Sistematização dos conhecimentos adquiridos*”, e quanto à finalidade para o professor: “*Servir de apoio às actividades escolares*”.

4- Trabalhos de casa, aceitação e adesão dos alunos:

Sobre esta questão os resultados obtidos revelam que a maioria dos alunos faz sempre os trabalhos de casa, o que significa que os aceita de forma positiva, como podemos verificar no gráfico seguinte:

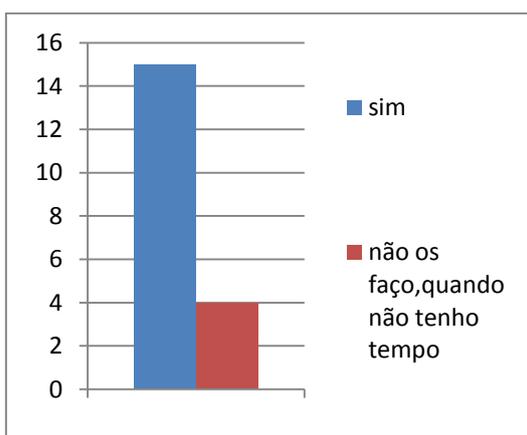


Gráfico nº11 - alunos da turma do 4º ano que fazem os trabalhos de casa;

À pergunta feita aos alunos “se gostam de fazer os trabalhos de casa”, a resposta obtida da maioria dos alunos é “gosto”, apenas 3 dizem que não gostam de os fazer, e dois respondem mais ou menos. Estes dados confirmam o parecer da professora sobre a visão que os alunos têm dos trabalhos de casa, pois esta refere que os alunos “*Aceitam porque sabem que servem para sistematizar os conhecimentos*”.

5- Atitude da professora quando os alunos não fazem o trabalho de casa:

Sobre a atitude da professora quando os alunos não fazem os trabalhos de casa, os alunos responderam que a professora os repreende e os obriga a fazê-los no intervalo, o que é também confirmado pela própria professora na resposta a esta questão.

À semelhança do que já referimos na análise das respostas a esta mesma questão na turma do 3º ano, constatamos também que nesta turma são aplicados castigos aos alunos quando não fazem os trabalhos de casa.

6- Duração:

Quanto ao tempo atribuído diariamente à realização dos trabalhos de casa, as respostas dos alunos variam entre os 30 minutos e 1h30m.

Na perspectiva da professora é necessário dedicarem 1h por dia à realização dos trabalhos de casa, o que não contraria a opinião dos alunos.

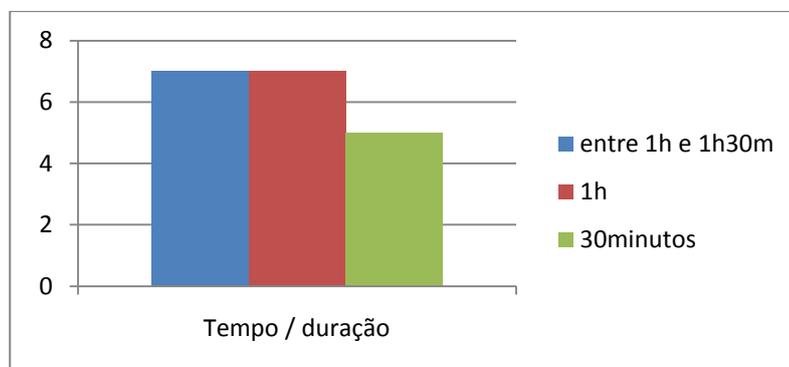


Gráfico n.º12 - opinião dos alunos quanto ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa.

Na opinião da maioria dos pais, à semelhança da opinião dos filhos, o tempo gasto para a realização dos trabalhos de casa varia entre 30 e os 90 minutos; pais de 5 alunos disseram que o tempo embora dependesse da quantidade habitualmente era muito; 4 não deram resposta (gráfico n.º13)

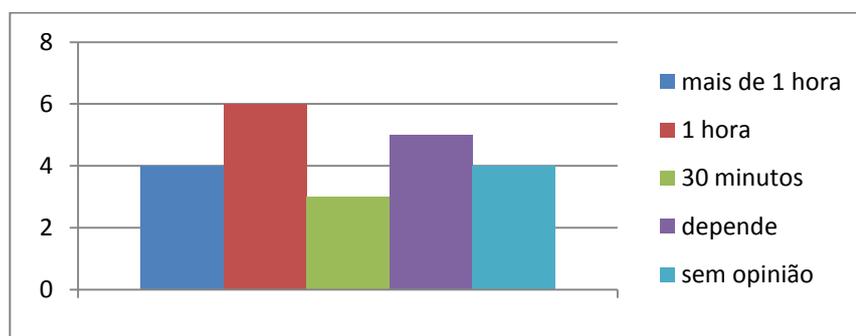


Gráfico n.º 13- respostas do pais dos alunos da turma do 3º ano relativamente ao tempo necessário para a realização dos trabalhos de casa dos seus filhos.

Os alunos quando questionados sobre que outras actividades realizam depois de saírem da escola, metade dos alunos questionados revelam ter pouco tempo para outras

actividades, apenas fazem os trabalhos de casa e brincam um bocadinho se tiverem tempo; a outra metade dos alunos para além de fazerem os trabalhos de casa apenas têm catequese um dia por semana e noutra dia uma actividade desportiva, natação, basquete, karaté ou futebol.

Todos os alunos desta turma revelam que o tempo que lhes resta depois de terem feito os trabalhos de casa é consagrado à televisão ou ao computador, estes passam diariamente frente à televisão ou ao computador entre 30 minutos a 2 horas.

7- Dificuldades dos alunos na realização dos trabalhos de casa:

Neste ponto constatamos que, a maior parte dos alunos sente algumas dificuldades na realização dessa tarefa; dificuldades estas que são esperadas pela professora, porque, apesar de considerar que os trabalhos que manda para casa são próprios para os alunos fazerem sozinhos, admite que possam surgir dúvidas e dificuldades, e salienta ainda *“Eu peço para que quando têm dúvidas que os não façam e me apresentem essas dúvidas no dia seguinte”*. Mas uma vez que existem castigos para quem não faz os trabalhos de casa, os alunos optam por pedir ajuda aos pais ou aos irmãos mais velhos, e se estes não os conseguirem ajudar é que recorrem à professora.

Apenas 6 alunos revelam não precisarem de ajuda para a realização dos trabalhos de casa

8- Participação dos pais

Embora 11 pais tenham respondido que não sentiam dificuldade em dar ajuda e acompanhar os trabalhos de casa dos seus filhos, 8 deles demonstraram, através das suas respostas, que não têm por hábito acompanhar os trabalhos de casa dos filhos, revelam um desinteresse quando dizem: *“só se precisar muito, porque não tenho tempo para isso”*.

Os pais dos alunos desta turma quando questionados sobre o contato que mantêm com a escola e a professora dos filhos, podemos verificar que apenas 4 falam regularmente com a professora sobre a vida escolar dos seus filhos (cf. Gráfico nº14), todos os outros revelam que só vão à escola falar com a professora quando surge um problema ou para receberem as avaliações dos filhos, nas reuniões de pais, verificamos que existe um profundo desconhecimento do projecto educativo da escola dos filhos, e

uma vez que os filhos passam muitas horas na escola delegam na escola a educação e a transmissão de conhecimento.



Gráfico nº14 - contato que os pais dos alunos do 4º ano mantêm com a escola ou professora do seu filho.

A professora quando questionada sobre o assunto responde: *“Só quando esse contacto é solicitado por qualquer uma das partes”*.

Estes resultados revelam que tanto da parte da professora como da parte dos pais não é dada nenhuma importância à participação da família no processo educativo.

9- Avaliação e metodologia

Quando questionados se a professora corrige os trabalhos de casa, todos os alunos responderam que sim, por outro lado explicam o método da seguinte forma: revelam que a professora faz correção no caderno de cada um ou no quadro em conjunto com a turma toda.

A resposta da professora confirmou as respostas dos alunos: *“Corrijo sempre, as operações matemáticas no quadro com os alunos”*.

1.6- Comentário final aos resultados obtidos na pesquisa:

Através deste estudo, realizado na Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico de Trancoso, pudemos tirar algumas conclusões que nos permitiram clarificar alguns pontos relacionados com os trabalhos de casa dos alunos.

Os trabalhos de casa são uma prática que tem acompanhado os professores ao longo dos tempos, este método determina que as actividades escolares deverão ser repetidas em casa:

“para assim se exercitarem as inteligências e para que melhor se esclareçam as dificuldades ocorrentes”. (Franca, 1952, p.158-163)

Da análise dos questionários respondidos pelos pais e alunos envolvidos neste estudo verificamos que esta prática é aceite por todos e é vista como fazendo parte da rotina. Apesar das reclamações constatadas há uma grande adesão aos trabalhos de casa por parte de todos. Considerada como uma actividade que se aceita de maneira natural e automática, ainda que obrigatória, como constatamos, se os alunos não fizerem esses trabalhos são penalizados pelas professoras, e se para uns essa tarefa não traz dificuldades, para outros torna-se difícil a sua realização, pois têm de recorrer à ajuda dos pais, o que nem sempre é eficaz, porque estes nem sempre os conseguem ajudar, quer por desconhecimento dos conteúdos curriculares ou por falta de tempo disponível para esta tarefa.

Em quase todas as famílias os pais trabalham e chegam tarde a casa onde os espera as tarefas domésticas, deixando para segundo plano as tarefas escolares dos filhos.

Na opinião dos pais, quase unânime, os trabalhos de casa são importantes e reconhecem a sua utilidade, considerando-os como sendo um reforço na aprendizagem escolar dos seus filhos. Porém demonstram algum descontentamento em relação à quantidade, alegando que são excessivos.

Com efeito, em nosso entender, é necessário que estas práticas não sejam alheias às mudanças ocorridas na sociedade, já lá vai o tempo em que as crianças saíam da escola ao fim de 5 horas letivas e iam para casa fazer os trabalhos de casa. Na actualidade a escola passou a ser a tempo inteiro, algumas crianças entram para a escola às 8h e só

saem às 18h30m, permanecendo na escola 10.30m. A casa torna-se assim um dormitório, a sua vida reduz-se apenas à escola, o convívio com a família e o tempo para brincar ou para outras actividades é muito reduzido. Segundo as respostas obtidas neste estudo, uma boa parte do pouco tempo livre é consagrada à televisão, dedicam pouco tempo a outro tipo de actividades que poderiam ser mais adequadas ao seu desenvolvimento pessoal.

Quanto a ideia dos professores considerarem a correcção dos trabalhos de casa uma forma de avaliação, na nossa opinião, é uma prática incorrecta e ineficaz: se os alunos necessitam da ajuda dos pais para a realização correcta dos trabalhos de casa, isso vai indirectamente camuflar as dificuldades que os alunos possam ter, e assim os professores não as conseguem detectar. Essa avaliação também nos parece incoerente uma vez que pode estar a ser feita às capacidades dos pais e não às capacidades dos alunos. É necessário ter em conta que se há pais com condições para ajudarem os seus filhos existem outros, que por falta de competência ou por falta de interesse, o não fazem, e também não verificamos nenhuma pratica de diferenciação na prescrição dos trabalhos de casa, as professoras mandam para toda a turma os mesmos trabalhos, logo essa avaliação leva a resultados desiguais

A participação das famílias na vida escolar dos seus filhos é muito importante e contribui para o sucesso escolar dos filhos. Esta participação foi incentivada quando em 1986 o Parlamento Português aprovou a Lei de Bases do Sistema Educativo, que contém orientações para um papel mais activo por parte das famílias no sistema educativo (Villas-Boas, 2000a, p.6) referiu que :

“o envolvimento dos pais na educação dos filhos é, hoje em dia; um tópico que ganha cada vez maior importância. A influência parental desempenha um papel preponderante tanto no desenvolvimento cognitivo da criança como no seu aproveitamento”.

Esta referência não passa de uma intenção, em relação a esse assunto verificamos um desinteresse quer por parte dos pais como por parte das professoras.

Alguns pais estão a fazer uma transferência da responsabilidade da educação dos filhos para a escola, uma vez que hoje em dia os filhos passam mais tempo na escola do

que com os pais, estes transferem as suas responsabilidades para a escola, não reconhecem que a educação cabe aos pais e à escola cabe transmitir conhecimento.

Com a análise dos resultados desta pesquisa, podemos verificar que não foi manifestado por parte dos pais e professores inquiridos a existência de algum tipo de trabalho, cooperativo entre ambos: a participação dos pais na escola apenas se limita a receção de informações sobre a avaliação dos seus filhos, e as professoras não manifestam iniciativa para envolver os pais nas actividades curriculares.

É neste contexto, que surgem os trabalhos de casa como a única forma da escola oferecer aos pais a oportunidade de acompanharem os estudos dos filhos, se assim não fosse muitos dos pais nem os cadernos dos filhos viam, e tal como refere Carvalho (2006:86):

“Se nem todos os familiares responsáveis pelos estudantes podem vir à escola... a escola vai à casa via dever de casa.”

Por nossa parte consideramos que os trabalhos de casa são uma forma de divisão do trabalho educacional entre a família e a escola, sendo esta divisão o equivalente de uma acção compensatória ou estratégia de reforço e intensificação da aprendizagem dos alunos.

Uma análise pormenorizada das respostas obtidas levou-nos a propor algumas sugestões que seguidamente apresentamos.

II- PROPOSTA DE UMA PRÁTICA DOCENTE RELACIONADA COM O TEMA ESCOLHIDO:

Pelo que já referimos anteriormente, admitimos que a supressão dos trabalhos de casa poderia vir a trazer ainda mais desresponsabilização da parte dos pais sobre a educação dos seus filhos. Por isso os trabalhos de casa são necessários para envolver as famílias na vida escolar dos seus filhos, e para reforçar as aprendizagens realizadas nas aulas, o que hoje em dia é determinante para o sucesso escolar. Contudo, tendo em conta o tempo disponível que os alunos têm hoje deveriam ser em menor quantidade.

Hoje em dia a escola ocupa a maior parte do tempo dos alunos, estes passam muitas horas na escola e quando chegam a casa ainda têm de continuar o trabalho da escola com a realização dos trabalhos de casa, que são meras repetições do que estiveram a fazer durante todo o dia, logo é necessário que se repensem as práticas curriculares, para que se adequem às necessidades dos tempos actuais, é necessário pensar e fazer reajustes em relação à quantidade e tipo de trabalho que se deve enviar para os alunos realizarem em casa.

É preciso ter em conta que, a quantidade de trabalhos de casa a pedir aos alunos não pode ser excessiva, de tal forma que possa pôr em causa os tempos de lazer ou de convívio com a família. Por outro lado, o tipo de trabalho de casa também vai afetar a forma como estes trabalhos são encarados pelos alunos e pais, se for um trabalho de repetição torna-se pouco motivador, não permitindo aos alunos a aprendizagens significativas pelo prazer da descoberta.

Quando um professor marca trabalhos de casa aos seus alunos tem de ter o cuidado de averiguar se eles têm capacidade para os fazer, porque embora seja necessário que os pais se envolvam nas actividades escolares dos filhos não cabe a estes ensinar-lhes, para alguns pais essa é uma tarefa impossível uma vez que não dominam os conteúdos curriculares e perante a dificuldade para ajudar os filhos sentem-se impotentes e frustrados, o que leva a uma revolta e faz com que não valorizem estes trabalhos, cuja consequência afeta a forma como o próprio aluno irá valorizar o estudo.

Neste sentido sugerimos que a escola solicite a colaboração dos pais para pequenos trabalhos com uma componente lúdica, que não necessitem mais do que

alguns minutos na sua realização e que permitam a interacção de todos os membros da família.

Os trabalhos de casa deverão ser adaptados às capacidades dos alunos e ao ambiente familiar, proporcionando uma articulação dos conteúdos curriculares com o contexto familiar para que os pais se sintam valorizados e motivados a participar nas actividades escolares dos seus filhos.

Em consequência, na tabela seguinte, apresentamos alguns exemplos de tarefas que poderão ser pedidas aos alunos para realizarem em casa de modo a solicitarem a colaboração dos pais:

| Actividades que habitualmente são pedidas | Actividades que propomos |
|--|--|
| Fichas de matemática carregadas de situações problemáticas para calcularem a área e o perímetro. | Sugerir aos alunos para irem com os pais calcular a área e o perímetro de um terreno perto da sua casa ou até do seu quarto, da sua casa, etc. |
| Cálculos matemáticos e análise de gráfico. | Fazerem registos dos consumos das facturas da água e da electricidade e a partir daí resolverem exercícios de matemática e registá-los em gráficos. |
| Exercícios de matemática sobre medidas de capacidade e massas. | Propor aos alunos que efectuem pesagens de ingredientes e medições e que façam uma sopa de legumes ou um bolo com os pais. |
| Cópias composições e ditados de textos do livro; | Sugerir aos alunos que entrevistem membros da sua família sobre assuntos relacionados com temas do estudo do meio, acontecimentos históricos vividos por eles. Recolherem provérbios, adivinhas que os pais conhecem para exercitarem a expressão escrita; Fazerem composições ou ditados com histórias da vida de membros da sua família; |

Conclusão

Do curso de mestrado que agora se conclui, gostaríamos de salientar em forma de conclusão, alguns dos aspetos que consideramos mais relevantes para o futuro exercício da docência (no ensino pré escolar e 1º ciclo do ensino básico) para o que nos preparamos durante vários anos, com particular incidência nos dois últimos, isto é, na formação de mestrado. Este permitiu-nos adquirir conhecimentos a fim de melhorar a nossa capacidade interventiva junto da comunidade interessada no processo ensino aprendizagem.

Partimos pois para o estágio (que no decorrer deste relatório descrevemos) munidos de teoria adquirida nas aulas, e da nossa experiência de ensino em níveis inferiores, no jardim de infância.

Apesar de inicialmente sentirmos algumas hesitações em dar aulas no 1º ciclo, por ser uma experiência nova para nós, foi sem dúvida muito interessante adaptar certas actividades lúdicas, que habitualmente fazemos no Jardim de infância, ao ato de ensinar os conteúdos programáticos para o 1º ciclo; quando iniciávamos um tema, estas actividades serviam para motivar os alunos (através de jogos ou histórias), faziam com que sentissem vontade e interesse em descobrir e aprender mais sobre determinado assunto. No final de abordarmos um conteúdo também recorriamos a este método, jogos, pois estas actividades serviam para consolidar o que tínhamos trabalhado. Esta prática cativou os alunos, porque estas actividades proporcionavam momentos lúdicos, e os alunos aprendiam os conteúdos sem darem por isso. Por serem actividades que habitualmente fazemos no jardim de infância, para nós foi uma forma de nos sentirmos confiantes e ultrapassarmos as hesitações iniciais.

À saída da escola, habitualmente ouvíamos conversas entre pais sobre os trabalhos de casa dos filhos, tema sobre o qual manifestavam uma constante preocupação. Esta observação está pois na origem da escolha do tema, uma vez que sentimos vontade de aprofundar os nossos conhecimentos sobre o valor pedagógico dos trabalhos de casa, para assim melhor compreender a sua dinâmica e as dificuldades que lhe são inerentes.

Após o nosso estudo verificámos que, apesar da prática dos trabalhos de casa ser uma prática constante ao longo dos tempos, e para alguns ser vista como uma prática rotineira, uma maneira de repetir o que é feito na escola para uma melhor consolidação

dos conteúdos, verificamos que alguns pais e alunos a encaravam com algum descontentamento, devido ao tipo de trabalhos pedidos, e à quantidade que lhes é exigida diariamente. Podemos então concluir que os trabalhos de casa são úteis para reforçar as aprendizagens realizadas nas aulas, além de serem um contributo importante para o trabalho do professor. Verificamos que estes trabalhos podem ser também muito importantes, uma vez que se tornam a única forma de envolver as famílias na vida escolar dos seus filhos, e este envolvimento pode contribuir para a motivação dos mesmos para o estudo e conseqüentemente para o seu sucesso escolar. Contudo, sugerimos que sejam introduzidas mudanças nessas práticas, quer quanto ao tipo, como quanto à quantidade de trabalhos pedida, de modo a se tornarem adequados aos tempos que correm, uma vez que verificamos que hoje em dia os alunos passam muitas horas na escola e o tempo que passam em casa é muito reduzido.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, I., (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- ARAÚJO, M. J. (2004). *ATL - Actividades de Tempo Livre Sem Tempo nem Liberdade*. Dissertação de Mestrado. Porto: FPCE-UP.
- ARENDES, R. (1995). *Aprende a Ensinar*. Lisboa: M^a Graw Hill de Porty.
- BALANCHO, M. J. e COELHO, F., (1996). *Motivar os Alunos Criatividade na Relação Pedagógica: Conceitos e Práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- CARVALHO, M., (2006). “O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa”. In *Revista Lusófona de Educação*, n^o8, pp.85-102.
- *Currículo Nacional do Ensino Básico* (2001) Lisboa: Ministério da Educação - Departamento da Educação Básica.
- FRANCA, L., (1952). *O método pedagógico dos Jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir;
- FREIRE, P.(1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- MARQUES, R.,(1994). “Colaboração família - escola em escolas portuguesas: um estudo de caso”.in *Inovação n^o7*, pp.357-375;
- MATALON, B. e GHIGLIONE, R. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- *Organização curricular e programas – Ensino Básico – 1^o Ciclo* (2004) 4^a Edição. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica;
- SALEMA, H. (1997) . *Ensinar e Aprender a Ensinar*. Lisboa: Texto Editora.

- VILAS-BOAS, M.,A. (2000a). *A parceria entre a escola a família e a comunidade - trabalhos de casa para o desenvolvimento da literacia*. Lisboa : Ministério da Educação – Departamento da Avaliação prospectivo e Planeamento, PRODEP.
- VILAS-BOAS, M.,A. (2000b). *A parceria entre a escola a família e a comunidade - trabalhos de casa para o desenvolvimento da literacia*. Lisboa : Ministério da Educação – Departamento da Avaliação prospectivo e Planeamento, PRODEP.

WEBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, M.J. (2004). “*Os adultos trabalham quase tanto como as crianças*”. Universidade do Porto: CIIP Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Disponível em:
http://www.fpce.up.pt/ciie/publs/mjosearaujo/mjaraujo_trabalhosdecasa_lusa.pdf –
acedido a 20 de Junho de 2011.
- HENRRIQUES, M. (2006). *Os trabalhos de casa na escola do 1º ciclo da Luz: estudo de caso*, nº2, p.220-243. Disponível em:
[http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/212/1/B10\(1\).pdf](http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/212/1/B10(1).pdf)-
acedido a 14 de Junho de 2011.
- http://www.ctrancoso.pt/municipio/Carta%20Educativa%20%20Municipio/Carta_educativa_trancoso.pdf -
acedido a 15 de Junho de 2011.
- <http://www.comurbeiras.pt/trancoso.html> –
acedido a 15 de Junho de 2011.
- <http://www.cm-trancoso.pt/pdfs/diagnosticosocial.pt> -
acedido a 15 de Junho de 2011.
- SOARES, E. e VILLAS BOAS, B. (2001). “*Dever de casa, Avaliação e Organização do trabalho pedagógico*”. IV EDIPE- Encontro de didática e Prática de Ensino. Disponível em :
<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/30-60-1-SM.pdf> -
acedido em 25 de Julho de 2011

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

- Organização curricular do ensino básico, lei nº 6 de 18 de Janeiro de 2001
- Lei de Bases do Sistema Educativo, nº49 de 30 de Agosto de 2001
- Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor do ensino básico, lei nº240 de 2001
- Regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário, Lei nº 43 de 2007

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

- Projecto educativo do Agrupamento de Escolas de Trancoso 2010/2011
- Projecto educativo da Escola Básica 1 de Trancoso 2010/2011
- Regulamento Interno Agrupamento de Escolas de Trancoso 2010/2011

Apêndices

Apêndice 1

Autorização para pesquisa

Eu, Francisca Rosária Coelho Mendes Almeida,
coordenadora e responsável pelo estabelecimento de ensino, Escola Básica 1 de
Trancoso, autorizo Sónia Cristina Martins Pinheiro a realizar no âmbito da sua pesquisa
de Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino básico um
questionário sobre o valor pedagógico dos trabalhos de casa, junto dos alunos.

Trancoso, 12 de Julio de 2011

Francisca Rosária Coelho Mendes Almeida
ESCOLA E.B.
TRANCOSO

Apêndice 2

Questionário ao professor

Ano lectivo 2010/2011

Nível de escolaridade que está a leccionar no presente ano lectivo: _____

Ponto 1- Frequência

1.1- Costuma pedir trabalhos de casa aos seus alunos?

1.2- Qual a frequência dos trabalhos pedidos?

vii) Diários

viii) Fins de semana

ix) Ocasionais

Ponto 2. Quantidade

2.2- Que quantidade marca habitualmente?

2.3- Quanto tempo pensa ser necessários os alunos dispensarem na realização dos trabalhos para casa?

Ponto 3. Tipo de trabalhos

3.1 Que áreas contemplam?

3.2- Os trabalhos de casa que marca são um prolongamento das matérias já estudadas (continuidade) ou são uma preparação para as matérias que serão estudadas na aula (antecipação)?

Ponto 4. Finalidade

a) Qual é a finalidade dos trabalhos de casa?

b) Que valor pedagógico lhe atribui?

- v) Para o professor
- vi) Para o aluno

Ponto 5. Reacções

5.1- Corrige sempre os trabalhos de casa?

5.2 - Qual a atitude que tem quando os alunos não fazem os trabalhos marcados para casa?

5.3- Consequências

Ponto 6. Alunos

6.1- Como acha que os alunos vêem os trabalhos?

6.2- Os alunos manifestam dúvidas ou dificuldades na realização dos trabalhos de casa?

6.2.2- Como lida com essas dúvidas?

6.2.3- Prática alguma diferenciação ou os trabalhos para casa são iguais para todos?

Ponto 7. O papel dos pais

7.1- Os trabalhos para casa que manda aos seus alunos são próprios para os alunos os realizarem sozinhos, ou necessitam da ajuda dos pais?

7.2- Acha que os pais dos seus alunos têm competência para auxiliar os filhos na realização dos trabalhos de casa?

7.3- Que tipo de contacto mantém com os pais dos seus alunos?

7.4- Realiza algum tipo de trabalho em parceria com as famílias dos alunos?

Apêndice 3

| |
|-------------------------------|
| Questionário (alunos) |
|-------------------------------|

Qual o ano de escolaridade que estás a frequentar: _____

1. A tua professora costuma mandar trabalhos para casa?
2. Achas que a quantidade de trabalhos pedidos está bem, que são muitos ou poucos? Porquê?
3. Marca trabalhos para casa para o fim de semana, feriados e interrupções lectivas?
4. Que tipo de trabalhos de casa marca?
5. Para que achas que servem os trabalhos de casa?
6. Fazes sempre os trabalhos de casa?
7. Gostas de fazer os trabalhos de casa?
8. Quanto tempo demoras a fazer os trabalhos de casa?
9. Precisas de ajuda para fazeres os trabalhos de casa? Quem te ajuda?
10. Costumas ter dúvidas ou dificuldades na realização dos trabalhos de casa,? Quando tens o que fazes, pedes explicação ao professor no dia seguinte?
11. O que diz a tua professora, ou o teu professor, quando não fazes os teus trabalhos?

12. A tua professora ou o teu professor corrige sempre os trabalhos de casa?
13. Como o faz?
14. A que horas chegas a casa depois da escola?
15. Que outras actividades ou tarefas fazes depois da escola?
16. Quanto tempo vês televisão ou estás no computador ou a fazer jogos diariamente.
17. A que horas te deitas?

Apêndice 4

Questionário aos pais

Nível de escolaridade em que está a o seu filho/a: _____

1. O/a professor/a do seu filho/a costuma mandar trabalhos para casa?
2. Com que frequência?
3. Marca trabalhos de casa para o fim de semana, feriados e interrupções lectivas?
4. Que quantidade de trabalhos de casa o seu filho leva habitualmente?
5. Que tipo de trabalhos de casa são?
6. Para si qual a finalidade e valor pedagógico dos trabalhos de casa?
7. O seu filho consegue realizar os trabalhos de casa sozinho, ou necessita de ajuda?
8. Costuma ajudar ou acompanhar o seu filho na realização dos trabalhos de casa?
9. Costuma ter dificuldade em dar essa ajuda?
10. Quanto tempo demora a realizar essa tarefa?
11. Que tipo de contacto mantém com a escola e professor/a do seu filho?